

# **A Cobertura de Conflitos Internacionais no Jornal da Noite da SIC**

**Ana Rita Neto Teixeira Alves**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo**

**Agosto, 2017**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do  
Prof. Doutor Paulo Nuno Vicente

*Aos meus pais, pela oportunidade de realização deste mestrado*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, sempre e acima de tudo! Pela oportunidade que me deram e por me terem deixado voar para fora do ninho. Mesmo que a distância tenha custado. Por todos aqueles sorrisos de fim de semana que carregavam baterias para mais uns dias sem os ver.

À minha irmã, que mesmo mais nova, tem os mesmos sonhos e as mesmas ambições de querer agarrar o mundo com umas mãos tão pequeninas.

Aos meus avós, pela preocupação e orgulho mostrados, vezes sem conta.

Ao Paulo, que me acompanhou ao longo de cada etapa desta nova fase em Lisboa, pela paciência e atenção. Por todas as vezes em que me limpou as lágrimas e por todas aquelas em que me arrancou sorrisos. Pela partilha mútua de conhecimentos e amor.

Aos meus amigos, que mesmo de maneiras diferentes, me apoiaram ao longo destes dois anos, sempre com as palavras certas para me ajudar. À Joana e às Sofias, pelo companheirismo durante os seis meses de estágio e por todos os momentos que passamos e iremos passar daqui para a frente.

Ao meu professor de mestrado e orientador, Paulo Nuno Vicente, pela ajuda dada neste relatório.

Àqueles que marcaram a minha passagem pela SIC, que se destacaram dos demais pelas melhores razões: ao André Antunes, que me fez gostar de Televisão e perceber realmente que quem corre por gosto não cansa. Ao Levezinho, ao Marco e ao Manuel.

Finalmente, aos meus avós, António e Maria José. Tenho a certeza que, onde quer que estejam, estão orgulhosos.

## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

### **A COBERTURA DE CONFLITOS INTERNACIONAIS NO JORNAL DA NOITE DA SIC**

**ANA RITA NETO TEIXEIRA ALVES**

**RESUMO:** O objetivo da investigação para a produção deste relatório de estágio passa por perceber de que forma é que os conflitos internacionais são tratados e que importância lhes é dada durante o Jornal da Noite da SIC. Para além destes pontos, torna-se, também, pertinente e importante perceber todo o processo que envolve a produção de notícias internacionais e, consequentemente, o profissional que as produz – o jornalista correspondente. Foram também estudados os fatores que envolvem a importância de uma rede de correspondentes e o papel que as agências notícias desempenham, atualmente, na SIC. Procedeu-se, assim, à análise do alinhamento do Jornal da Noite, onde foram estudadas certas variáveis (número de peças, posição no alinhamento, jornalista que a produziu, etc.) e, para terminar, por ser uma parte crucial para a recolha de conclusões, realizou-se um inquérito online à editoria de Internacional e entrevistas a um jornalista de redação, a um correspondente internacional e a um enviado especial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflitos; Correspondente; Enviado Especial; Jornalismo; Jornalismo de Guerra

**ABSTRACT:** The main goal of this investigation is to understand how international conflicts are treated and how much they are important in Jornal da Noite. It is also pertinent and important to understand the whole process involving an international news production and, consequently, the professional that produces it – the foreign journalist. We also studied the factors that involve the importance of a network of correspondents and the role news agencies currently makes in SIC. An analysis was made of the alignment of Jornal da Noite, where certain variables (number of pieces, position not alignment, journalist that production, etc.) were studied and, finally, as a crucial part of the work, an online survey was made to International's journalists and interviewed in a journalist, an international correspondent and a special envoy.

**KEYWORDS:** Conflits; Foreign Journalist; Journalism; Special Envoy; War Journalism



## ÍNDICE

Introdução .....	1
<b>CAPÍTULO I – O ESTÁGIO, CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO .....</b>	<b>3</b>
I.1. O Grupo Impresa .....	3
I.2. A SIC .....	4
I.3. Descrição do Estágio.....	5
I.3.1. Opinião Pública.....	6
I.3.2. Jornal do Meio Dia .....	6
I.3.3. Primeiro Jornal .....	7
I.3.4. Madrugadas.....	8
<b>CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>9</b>
II.1. A Produção Jornalística.....	9
II.2. O Jornalismo Internacional.....	13
III.2.1. Correspondentes e Enviados .....	17
III.2.2. O Perfil do Correspondente Internacional .....	19
I.2.2.1. Jornalistas Correspondentes - África Subariana.....	25
I.2.2.1. Jornalistas Correspondentes - Portugal .....	26
III.3. O Jornalismo de Guerra .....	26
II.3.1. O Correspondente de Guerra .....	28
II.4. Guerra vs Terrorismo.....	30
II.4.1. O 11 de setembro.....	33
<b>CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>37</b>
III.1. Jornal da Noite e a Editoria de Internacional .....	37
III.2. Metodologia .....	37
III.2.1. Pergunta de Partida e Objetivos.....	37
III.2.2. Técnicas de Recolha e Análise da Informação .....	39
III.2.2.1. Análise de Conteúdo .....	39
III.2.2.2. Observação Participante .....	40
III.2.3.3. Questionário Online .....	41
III.2.3.4. Entrevista .....	42
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>44</b>
IV.1. Análise da Grelha de Alinhamento.....	44

IV.1.1. Género Jornalístico .....	44
IV.1.2. Posição no Alinhamento .....	46
IV.1.3. Duração das Peças Jornalísticas .....	47
IV.1.4. Jornalista – autor .....	48
IV.1.5. Protagonista .....	49
IV.1.6. Fonte da Informação .....	49
IV.2. Análise dos Questionários Online .....	51
IV.3. Análise das Entrevistas .....	55
Observações Finais .....	59
Referências Bibliográficas .....	64
Anexos .....	65

## **Índice de Tabelas**

**Tabela 1** - Valores-notícia, Caple and Bednarek (2005)

**Tabela 2** - Diferença entre guerra e terrorismo, Merani (1993)

## **Índice de Gráficos**

**Gráfico 1** - Número de palestinianos e israelitas mortos no conflito no início de 2012



## Introdução

Nas últimas décadas, a constante e rápida evolução das tecnologias, “das quais a internet é o expoente máximo” (Couceiro, 2008), tem colocado os principais meios de comunicação social numa posição bastante frágil. Cada vez mais, a Televisão, a Imprensa e a Rádio são confrontadas com novos desafios e barreiras, criando uma necessidade crescente e urgente de se adaptarem a estas novas mudanças no jornalismo.

Com o surgimento da Internet, deu-se um aumento incontável da quantidade de informação, passando a ser transmitida à velocidade da luz. Esta alteração provocou um impacto no jornalismo televisivo, exigindo uma rápida e inevitável adaptação para conseguir fazer face a essa concorrência, o que trouxe consequências significativas, não só na forma de trabalho dos jornalistas, mas também no ritmo e funcionamento das redações. Tudo isto levou a uma mudança na forma de produzir e escrever os conteúdos.

Essa transformação verificada no jornalismo, com o crescimento da Internet que veio funcionar como uma espécie de suporte para a transmissão da informação, tem demonstrado a ampliação dos estudos à volta das rotinas de produção (Becker & Vlad, 2009, p.61). Atualmente, cada vez menos nos deparamos com “notícias exclusivas”, sendo os conteúdos cada vez mais previsíveis e acabando por ser os mesmos em quase todos os meios de comunicação social.

Face a este panorama, surge um grande problema no jornalismo: onde está a qualidade da informação? Com todas estas mudanças tecnológicas e com a posição imponente que a Internet assume hoje em dia, os meios de comunicação social abandonaram a sua principal característica – explicar a notícia. O foco do jornalismo passou a ser, então, a rapidez na transmissão dos factos, perdendo-se o aprofundamento das peças jornalísticas, devido à pressa em ser o primeiro a dar a informação. Essa pressa em estar sempre um passo à frente leva, por vezes, a decisões precipitadas e à perda das noções básicas do jornalismo. Recordo-me de uma reunião da redação da SIC com a administração, onde foi dito por um dos principais jornalistas do grupo que, atualmente, se fazem diretos “por tudo e por nada”. Se há um acidente numa estrada, é imediatamente enviado um jornalista para o local. O direto é feito no

meio do nada, sem vestígios de acidente, pessoas ou ambulâncias... Mas o jornalista relata a situação, naquele local, mas onde, naquele momento, já tudo voltou ao normal.

Durante o estágio realizado na SIC consegui ter uma perfeita percepção da competição que há entre os diferentes meios de comunicação social, nomeadamente entre canais televisivos. O canal está tão preocupado em superar a concorrência que acaba por não se lembrar do facto de o espectador estar, ou não, a ser bem informado. Tais alterações obrigaram, claramente, a uma adaptação dos jornalistas na maneira de produzir e dar essa informação. Foi, então, necessário criar uma alternativa que permitisse fazer face à concorrência e tirar partido disso, não perdendo destaque perante o espectador.

Com o aumento exponencial da informação difundida na Internet, os jornalistas tiveram de multiplicar as suas competências para estarem ao nível desses avanços tecnológicos. “Em certos casos, o ciberjornalista terá de redigir notícias, produzir fotografia, áudio e vídeo, construir páginas Web, transpor conteúdos impressos ou audiovisuais para a rede, acrescentar hiperligações, fornecer interfaces que permitam aos utilizadores o recurso a bases de dados diversas” (Bastos, 2007, p.4).

O contínuo e rápido avanço tecnológico tem trazido grandes transformações no jornalismo, que continua em evolução. O essencial no meio desta constante evolução é saber como gerir essa informação e como nos posicionarmos, enquanto órgão de comunicação social, face à concorrência, de modo a proporcionar a melhor experiência possível ao espectador, algo que se tem vindo a perder ao longo do tempo.

Este relatório é fruto de 6 meses de um estágio na SIC, na redação de informação, onde o objetivo é perceber a forma como os conflitos internacionais são tratados pelo canal, a importância e o destaque que lhes são dados. Para isso, analisarei o alinhamento do Jornal da Noite durante o mês de dezembro, realizando um questionário online a 5 (sendo que a equipa é constituída por seis, mas apenas um não respondeu) jornalistas da editoria de Internacional da SIC e entrevistas a três jornalistas - Cândida Pinto, Henrique Cymerman e Aurélio Faria - enviada especial, correspondente internacional e jornalista de redação, respetivamente, para conseguir perceber o papel de cada um no jornalismo internacional, assim como as suas opiniões relativamente ao tema.

## **CAPÍTULO I – O ESTÁGIO, CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO**

### **I.1. O Grupo Impresa**

O Grupo Impresa surgiu em 1972, após Francisco Pinto Balsemão criar a Sojornal/Expresso, numa altura de censura e de vários desafios e dificuldades, acreditar que seria possível contornar aquele panorama e produzir um jornal de boa qualidade. Esse jornal tornou-se numa das grandes referências da sociedade portuguesa, acabando por ser aquilo que iria dar origem ao atual Grupo Impresa.

Criado em 1991, depois da Controljornal (grupo onde F. P. Balsemão pretendia agregar todo o grupo de comunicação social) abrir o seu capital a investidores estrangeiros, o Grupo Impresa torna-se, assim, um dos principais acionistas e fundadores da SIC – Sociedade Independente de Comunicação.

As primeiras emissões televisivas da SIC acontecem em outubro de 1992, daquele que era o primeiro canal de televisão privado em Portugal. Três anos depois, em 1995, torna-se líder de audiências. Em 1999, o Grupo Impresa já é detentor de 51% do capital da SIC e de 37,3% do interesse económico.

Em 2001, eis que se inicia um novo ciclo na história de expansão da SIC, com o desenvolvimento de novas áreas de atividade. O canal passa então a incluir três canais temáticos – SIC Notícias, SIC Internacional e o GMTS (relacionado com multimédia).

No ano de 2003, o Grupo já detém 50% do capital da área de revistas – Edimpresa, conjuntamente com o grupo suíço Edipress. No entanto, foi algo que não demorou muito e, em 2008, é adquirida a totalidade do capital da Edimpresa, com mais de 30 publicações como a Visão, a Caras, o Expresso, etc.

Finalmente, em 2005, o Grupo Impresa passa a controlar 100% da SIC, sendo em 2008 considerado o maior grupo de comunicação social do país. No início de 2009, a SIC assumiu a totalidade do capital da SIC Notícias e, nesse mesmo ano, lançou um novo canal dedicado aos mais pequenos - SIC K.

No final de 2013, é lançado um novo canal temático - SIC CARAS, relacionado com assuntos sociais do dia-a-dia nacional.

## I.2. A SIC

A SIC – Sociedade Independente de Comunicação, pertence ao grupo IMPRESA – SGPS.SA, liderado por Francisco Pinto Balsemão, o maior grupo privado de media em Portugal. A 6 de Outubro de 1992, a SIC realiza a sua primeira emissão, após ter ganho um concurso privado no ano anterior para a criação de dois canais privados de televisão em Portugal. Finaliza, assim, com os 35 anos de exclusividade que a RTP detinha no mercado televisivo nacional. O Anuário da Comunicação de 2002 do Observatório de Comunicação revela que em 1995 a SIC detinha 41,4% de *share*, à frente da RTP com 38,4% e da TVI com 13,8%.

Após esta revolução, surge então um novo tipo de programação, inspirado nas televisões internacionais privadas, o que levou a um aumento das audiências e, em 1995, torna-se o primeiro canal privado português a liderar audiências.

Em abril de 1993, Nelson Traquina, em relação à programação do canal, diz que “a grande característica da programação da SIC era a forte presença da informação que constituía, em termos de percentagem, o dobro de qualquer outro canal”.

Lopes (2007, p.5) dizia que a “estação de Carnaxide abriu as suas emissões com um noticiário cujo estúdio apresentava uma janela de vidro aberta para a redação. Pela primeira vez em Portugal, deixava-se ver a zona de retaguarda das notícias: o lugar onde elas são fabricadas”.

Atualmente, a SIC está sediada na Estrada da Outurela, n.º 119, 2794-52 Carnaxide, Lisboa. No Porto é onde está a segunda maior delegação do país. Existem também outras pequenas delegações: Vila Real, Viseu, Coimbra, Évora, Faro, Bragança, Guarda, Covilhã e Portalegre. A nível internacional, tem delegações em Bruxelas, Telavive e Brasil.

No total, a Direção de Informação da SIC conta com 273 trabalhadores, que são distribuídos, na maioria, da seguinte forma: 19 coordenadores, 18 editores de imagem, 114 jornalistas, 20 jornalistas coordenadores, 21 produtores, 9 realizadores, 36 repórteres de imagem, 8 designers e 8 infografistas.

A Direção de Informação da SIC é estruturada da seguinte forma: Ricardo Costa é diretor geral e Alcides Vieira e Henrique Monteiro são diretores gerais adjuntos. José

Gomes Ferreira é diretor adjunto de informação e Bernardo Ferrão e Pedro Cruz são subdiretores de informação.

A SIC generalista transmite dois noticiários: o Primeiro Jornal e o Jornal da Noite. Por sua vez, a SIC Notícias transmite vinte noticiários por dia, durante a semana: Jornal da Meia-noite, Primeira Página, Edição da Manhã, Jornal das Dez, Opinião Pública + Noticiário, Jornal do Meio-dia, Jornal da Uma, Jornal das Duas, Edição da Tarde, Opinião Pública + Noticiário, Jornal de Economia + Noticiário, Jornal das Sete, Jornal da Noite, Jornal das Nove e Edição da Noite.

A redação abarca a SIC generalista e a SIC Notícias, divididas por várias secções e editorias: agenda, economia, desporto, internacional, cultura, sociedade, política e online.

### **I.3. Descrição do Estágio**

Durante os seis meses de estágio, que decorreram entre setembro de 2016 e março de 2017, tive a oportunidade de passar por três editorias diferentes dentro da SIC: comecei por colaborar com o programa “Opinião Pública”, das 9h às 18h; de seguida foi-me dada a possibilidade de escolha e optei pelo Jornal do Meio Dia da SIC Notícias, das 8h às 15h, acabando no Jornal da Uma, das 8h30 às 16h.

Agora, fazendo uma análise destes seis meses, posso dizer que o estágio me proporcionou uma experiência única no mundo televisivo, oferecendo-me a oportunidade de conhecer a dinâmica da produção jornalística de um dos principais canais de televisão, bem como a cobertura de vários assuntos jornalísticos que presenciei enquanto lá estive: por exemplo a morte do ex-presidente da República Mário Soares ou a longa fuga de Pedro Dias.

Consigo ver que adquiri competências e conhecimentos fundamentais à prática jornalística e uma maior capacidade de realização de notícias para televisão, coisa que nunca tinha experienciado antes.

### **I.3.1. Opinião Pública**

Os primeiros dois meses do estágio foram passados no programa Opinião Pública, sob a coordenação da Sónia Ricardo e do Alberto Jorge. O primeiro local do estágio é atribuído ao estagiário conforme as necessidades e posso retirar desta experiência uma parte muito positiva, pois tive a oportunidade de perceber o funcionamento da redação e de tudo o que está por detrás do mundo televisivo e das câmaras.

Posso ainda ressaltar outro aspeto bastante importante: o funcionamento do programa *XPrii* – usado por todos os jornalistas e que me permitiu passar para as outras editorias já com experiência. Com recurso ao *XPrii*, montava blocos de imagens, de acordo com o tema em causa, que eram depois transmitidos durante o programa.

Enquanto estagiária do OP (Opinião Pública), as minhas funções centravam-se na elaboração de dossiers com as últimas notícias relativas ao tema do noticiário em questão, que enviava depois ao pivot. Ficava ainda incumbida de receber os convidados, deixa-los na maquilhagem e encaminha-los ao estúdio. Durante o programa, a minha função era apenas uma: atender os telefonemas dos espectadores que ligavam para dar a sua opinião, e coloca-los no ar.

Pude perceber ao longo destes dois meses que, sem o estagiário, o programa não funciona; pois quando era realmente necessário faltar, gerava-se uma grande confusão na tentativa de encontrar alguém que me pudesse substituir.

Hoje, posso dizer que passar pelo Opinião Pública, de um modo geral, foi algo que não me agradou. Contudo, não posso deixar de admitir que foi uma mais-valia na medida em que adquiri, logo de início, experiência com o programa *XPrii*, que viria a usar todos os dias, até ao fim do meu estágio; e pelas pessoas que fui conhecendo.

### **I.3.2. Jornal do Meio Dia**

Em meados de novembro, integrei a editoria do Jornal do Meio Dia da SIC Notícias. Tive como coordenadora a Paula Mesquita Lopes, uma jornalista que admiro pela sua compreensão e, principalmente, pela capacidade que tem em conseguir gerir tudo praticamente sozinha.

Foi no Jornal do Meio Dia que me senti a dar os primeiros passos no jornalismo televisivo e onde tive o primeiro contacto com a escrita televisiva, coisa que nunca tinha feito antes. Aprendi a escrever “off’s”, as chamadas notícias curtas/breves, que são o principal constituinte do Jornal do Meio Dia, lidas pelo pivô, acompanhadas por um bloco de imagens relacionado com o tema. Aprendi também a cortar Th’s – *talking heads*, que se tratavam de testemunhos de fontes, ou os chamados “vivos”, que faziam depois parte anexa do *off*.

Foi aqui no Jornal do Meio Dia que escrevi o meu primeiro *off* (Anexo 2) e a minha primeira peça – que, na SIC, se entende por uma notícia muito maior e mais desenvolvida do que o *off* e que, para além disso, continha “vivos” (Anexo 3). Durante esses meses escrevi vários *off’s* e uma peça que foram para o ar durante o jornal, géneros jornalísticos que posso dizer que fui aperfeiçoando com o tempo.

### **I.3.3. Primeiro Jornal**

Colaborar com o Primeiro Jornal é o que a maioria dos estagiários ambiciona quando entra para a SIC. E eu não fui exceção. Foi aqui que realmente me senti uma jornalista a sério e foi aqui onde realmente comecei a gostar de Televisão. Infelizmente, estive lá pouco mais de um mês, sendo que, caso lá tivesse ficado mais tempo, me permitiria aperfeiçoar e adquirir mais conhecimentos e experiência. Posso afirmar, com toda a certeza, que foi o auge do meu estágio.

Durante os primeiros três dias, acompanhei jornalistas para perceber o funcionamento de uma saída em reportagem. A partir daí comecei a aventura de escrever as tão famosas “peças” jornalísticas, sob coordenação do André Antunes.

No Primeiro Jornal, o conceito de “notícia ao minuto” começou a passar-me em frente aos olhos. E eu gostava. Havia uma pressão enorme em conseguir escrever e montar as peças a tempo do jornal, coisa que me agradava pois sempre funcionei muito bem sob pressão.

Comecei desde início a efetuar contactos com fontes, marcar entrevistas e recolher a informação necessária sobre o tema para, posteriormente, escrever a peça. Durante o meu percurso no Primeiro Jornal posso referir o meu espírito de iniciativa e

vontade em trabalhar, mesmo quando o meu coordenador não tinha nenhuma tarefa para me dar. Valores esses que foram elogiados pelo mesmo.

Na reta final da minha passagem pelo Primeiro Jornal, destaco três peças que foram totalmente da minha autoria (Anexos 4, 5 e 6). Desde a ideia, ao planeamento e contacto com fontes, à produção e à sonorização. Cada uma demorou cerca de uma semana a ser produzida, sem horários – chegando muitas vezes a marcar entrevistas para as nove/dez da noite (fora do horário laboral).

Outro aspeto que não posso deixar de referir e que o Primeiro Jornal me deu a oportunidade, coisa que normalmente não é possível, foi dar voz às minhas peças. E para isso tenho de referir a ajuda dos editores de vídeo, que foram incansáveis no tempo que perderam comigo para conseguir aperfeiçoar a minha voz para televisão.

#### **I.3.4. Madrugadas**

Durante os seis meses que passei na SIC, fiz três semanas intercaladas de madrugadas, ficando na redação das 00h às 6h, acompanhada unicamente por um repórter de imagem para o caso de haver alguma ocorrência e ser necessário sair em reportagem.

Durante a noite, acompanhava os *takes* que eram lançados pelas agências de notícias, como a Lusa, a Reuters, a APTN, etc. Selecionava aqueles mais importantes e que poderiam ser relevantes de entrar para o Jornal da Manhã. Elaborava um relatório, onde escrevia *off's* e montava blocos de imagens, no caso de haver. Por volta das 4h, entregava o relatório ao coordenador da manhã quando este chegava.

Realizava ainda chamadas para os bombeiros e para a polícia, para verificar se havia algum tipo de ocorrência relevante de ser notícia e, no caso de haver, dirigia-me ao local com o repórter e fazia a cobertura do mesmo. Infelizmente, ou felizmente dependendo da situação, nunca aconteceu nada durante as noites em que estive de madrugadas.



## CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### II.1. A Produção Jornalística

Nuno Brandão (2005, p. 125) diz que “hoje, não é possível entender as notícias sem uma adequada compreensão da própria cultura dos jornalistas, que são os «agentes especializados» do «campo jornalístico»”.

É certo que a capacidade de produzir informação – produção jornalística, não pode ser feita sem rigor profissional e sem seguir certas regras. O jornalista acaba por ser uma espécie de ponte de ligação entre a informação em bruto e a informação tratada – notícia. Para tal, é fundamental que este tenha o conhecimento necessário para que a realização dessa prática jornalística se faça da forma mais correta e transparente possível.

Aline Strelow (2010, p.41) define “jornalista” como um “analista de um dia”. No entanto, a autora refere ainda que, com o desenvolvimento brusco dos meios de comunicação social e com a constante atualização da notícia a cada minuto, o jornalista tem vindo a tornar-se num “analista do instante”.

Dominique Wolton (1999, p.224) defende que “a informação tornou-se onnipresente, confinando uma tirania do instante. Sabemos tudo, de todos os cantos do mundo”. Essa declaração vem ao encontro do que disse Strelow, da análise do instante. Mas, tal facto só é alcançável pelo jornalista se este se reger sob certos procedimentos – as chamadas rotinas produtivas.

Traquina (2004) afirma que “o conhecimento de formas rotineiras de processar diferentes tipos de estórias noticiosas permite aos repórteres trabalhar com maior eficácia”. Também Michael Schudson (1988, p.23) disse que, com as rotinas, “o repórter é libertado – da influência pessoal dos diretores – e, ao mesmo tempo, constrangido por ideias, valores e práticas imanentes ao trabalho das organizações noticiosas”. Não obstante, há que cumprir certas regras, como foi referido acima, e uma delas, que é fundamental, é a cobertura noticiosa e o tempo de noticiabilidade de forma rígida. Mas, no meio dessa cobertura noticiosa, há que saber distinguir e perceber o que é realmente importante para o leitor enquanto consumidor de informação.

Essa preocupação em selecionar o que é relevante, em organizar e hierarquizar os acontecimentos ao longo do dia, acaba por ser um objetivo por parte, não só dos jornalistas, mas também dos meios de comunicação em si. Esse agendamento tem o nome de *Agenda Setting*, pensada e formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, por volta da década de 70. Anos mais tarde, viria a ser definida por Rodrigues (2000) como o processo em que os media selecionam os conteúdos que consideram relevantes e merecedores de serem tornados notícia, e em que “determinam a interpretação dos acontecimentos e influenciam, quer a opinião pública quer as decisões políticas, ao converter em acontecimentos mediáticos determinadas questões e determinados factos”.

Desde sempre que se acredita que esse agendamento é feito porque os órgãos de comunicação social têm o dever de selecionar os acontecimentos e factos mais relevantes. Os jornalistas desempenham a função de *gatekeepers* da informação, pois selecionam umas notícias e excluem outras, escolhendo, assim, o que noticiar e o que ignorar. Sem ter noção disto, o espectador acaba por dar importância apenas ao que os media noticiam, o chamado *gatekeeping* mediático. O método da *Agenda Setting* contempla um processo de três patamares<sup>1</sup>:

1. Agenda Mediática, as questões discutidas pelos meios de comunicação social
2. Agenda Pública ou da Sociedade Civil, as questões discutidas e pessoalmente relevantes para o espectador
3. Agenda de Políticas Públicas, as questões que os gestores públicos consideram importantes

Existe uma questão bastante debatida entre vários autores: será a agenda mediática que pauta a agenda pública, ou a agenda pública que pauta a agenda mediática? Para responder a esta questão, Iyengar e Kinder (1987) afirmaram que *Priming*, a clareza da apresentação e a posição” eram fatores determinantes no momento de selecionar o nível de importância dado a determinado acontecimento.

Entendido como uma extensão temporal da *Agenda Setting* (Iyengar & Kinder, 1987), o *Priming*, da mesma forma que consegue tornar algumas questões mais

---

<sup>1</sup> <https://pt.wikipedia.org/wiki/Agendamento>

salientes na mente dos espectadores, também os órgãos de comunicação social têm o poder de moldar as opiniões que as pessoas formam, em prol de certos acontecimentos ou factos (*Priming*).

Tudo isto nos conduz a outro conceito bastante relevante e presente no dia-a-dia de um jornalista: a noticiabilidade.

Segundo Nelson Traquina (2002, p.173), a noticiabilidade é “o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou um assunto são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, de serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia””.

Com isto, cabe ao jornalista saber identificar os acontecimentos relevantes, segundo certos critérios – valor-notícia, que irão permitir uma correta seleção desses mesmos factos. De acordo com Mauro Wolf (2003, p.195) os valores-notícia respondem à seguinte pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?”

Os valores-notícia acabam por funcionar como critérios que ajudam a selecionar e a escolher o conteúdo que é importante, segundo técnicas específicas, permitindo selecionar e filtrar informação que carece de maior destaque.

De acordo com vários autores, acabam por abarcar o mesmo significado que critérios de noticiabilidade. Ainda segundo Wolf (1999, p.190) a noticiabilidade é constituída pelo “conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias”. Quer isto dizer que, quando um acontecimento ou facto possui determinados requisitos, é merecedor de se tornar notícia. Ou seja, possui noticiabilidade.

Caple e Bednarek (2015) estudaram os valores-notícia, mas com base no estudo de Galtung e Ruge - os pioneiros nos estudos sobre os valores-notícia, na década de 60. A partir dos seus estudos, vários autores foram aperfeiçoando e aprofundando cada vez mais os temas. Galtung e Ruge trouxeram até nós o conceito de valor-notícia, classificando-o como o critério que permite identificar a importância de um acontecimento no momento de construção da notícia.

Num campo mais avançado e mais direcionado para um dos pontos principais deste relatório, em contexto de guerra, Galtung e Ruge (1965) caracterizaram esses valores-notícia segundo certos critérios de noticiabilidade:

- De acordo com o impacto: quando o número de vítimas é alarmante. A notícia irá ter mais impacto quanto maior for o número de pessoas envolvidas no conflito. Segundo os autores, “o critério negatividade comove a atrai o público”.
- De acordo com a empatia da audiência: notícias que envolvam países com mais poderes e desenvolvidos têm sempre uma maior audiência do que ao envolver um país subdesenvolvido, por exemplo, com fraca atividade económica e política. Podemos usar como exemplo os Estados Unidos ou a Inglaterra, uma guerra nesses países suscitaria muito mais atenção por parte do leitor do que uma guerra no Líbano ou na Jordânia, daí serem menos noticiadas do que as primeiras.
- De acordo com o pragmatismo da cobertura mediática: uma notícia continua a ser transmitida até que surja outra com maior impacto. Exemplificando, em relatos de guerra, os acontecimentos ficam na memória das pessoas até que surja algo novo e mais relevante.

As autoras Caple e Bednarek (2015, p.5) construíram, com base em várias definições e alterações que foram surgindo relativamente aos valores-notícia, a seguinte tabela:

<b>Valor-Notícia</b>	<b>Definição</b>
<b>Negatividade</b>	Os aspetos negativos de um acontecimento
<b>Oportunidade</b>	A relevância de um acontecimento em termos de tempo: recente, em curso, prestes a acontecer ou sazonais
<b>Proximidade</b>	A proximidade geográfica ou cultural de um acontecimento
<b>Superlatividade</b>	O grande escopo ou escala de um acontecimento
<b>Classe Social</b>	A classe social do indivíduo, organização ou nação envolvidos no acontecimento

<b>Impacto</b>	O alto significado de um acontecimento, relativamente aos seus efeitos / consequências
<b>Novidade</b>	Os aspetos novos e/ou inesperados de um acontecimento
<b>Personalização</b>	O rosto pessoal ou "humano" de um acontecimento, incluindo os relatos de testemunhas oculares
<b>Consonância</b>	Os aspetos estereotipados de um acontecimento; adesão às expectativas
<b>Aspeto Estético</b>	Os aspetos esteticamente agradáveis de um acontecimento

**Tabela 1** Valores-notícia, Caple and Bednarek (2005)

## II.2. O Jornalismo Internacional

O jornalismo internacional é entendido como "a produção de notícias e reportagens em todo o mundo sobre países estrangeiros. Frequentemente indica uma cobertura feita por correspondentes ocidentais de países diferentes dos seus" (Chakars, 2009, p.764), sendo genericamente definido como o conjunto de notícias pelo “repórter que cobre eventos fora do país” (Hamilton & Cozma, 2009, p.596).

No século XIX, eis que surgem as primeiras agências de notícias. Numa altura repleta de inovações tecnológicas, as empresas jornalísticas sentiram necessidade de criar um sistema que conseguisse organizar toda a informação e, consequentemente, o seu processo de transmissão/difusão, de maneira a que esta chegasse em grande escala e conseguisse atingir o maior número de pessoas possível pelo mundo, com o menor custo possível. As primeiras agências de notícias surgiram nos anos 1830-1860: *Agence Havas*, em França (1836), *Associated Press* nos Estados Unidos (1846) e a *Reuters* em Inglaterra (1851). Ainda nesse século, segundo Agnez (2014, p.14) “a figura do correspondente internacional surge como um posto de trabalho na carreira jornalística responsável por manter essa rede de circulação de informações”.

De acordo com Paterson (2006, p.3), Boyd-Barret & Rantanen (2002, p.4) e Matterlat (1994, p.28), as primeiras agências de notícias tinham como principal função “importar e exportar conteúdos e informação, especificamente internacionais, para além das fronteiras”. Ainda conforme Aguiar (2008), as agências de notícias são

“empresas especializadas que recolhem e formatam informações de interesses variados e distribuem para veículos de imprensa que assinam os seus serviços”.

Segundo estimativas calculadas por Hohenberg (2005, p.47), no jornalismo norte-americano, as agências de notícias forneciam 90% das notícias internacionais publicadas na imprensa americana e “75%, ou mais, das notícias nacionais”. Ainda segundo o autor, os jornalistas da redação ficavam responsáveis por produzir os conteúdos locais/regionais, algo que levou Hohenberg a defender que “o jornalismo americano não existiria sem elas [agências de notícias]. Tornaram-se indispensáveis”.

“No contexto do jornalismo internacional, as agências de notícias são especialmente importantes porque os seus serviços foram, durante mais de um século, o meio mais acessível para um órgão de comunicação social obter informação sobre o maior número de lugares possível. Como as maiores agências internacionais cresceram pelo facto de terem jornalistas-correspondentes espalhados por praticamente todo o mundo, e fornecerem informação quantitativamente variada, é por elas que os órgãos de comunicação – e, assim, o público – recebem a maior parte do material que publicam” (Aguiar, 2008, p.22)

Atualmente, as principais agências de notícias são: Reuters, United Press International (UPI), Agence France Press (AFP), Visnews e United Press International Television News (UPITN). São estes os nomes que representam os principais responsáveis pela produção de notícias internacionais que são, posteriormente, entregues a todo o mundo. “As equipas [de cada agência de notícias] contam com centenas de correspondentes, *stringers*, jornalistas e repórteres de imagem. Elas controlam sofisticados equipamentos de transmissão a alta velocidade e fazem um uso extensivo de satélites de comunicação” (Richstad, 1981, p.243)

É então colocada uma questão: como conseguem os habituais órgãos de comunicação competir com todas estas agências altamente especializadas? Fica claro que se torna praticamente impossível para os meios de comunicação comuns conseguirem acompanhar a velocidade com que as agências noticiosas criam e fazem circular a informação. Enquanto as agências contam com centenas de profissionais espalhados pelos quatro cantos do mundo, um simples órgão de comunicação, se tiver cerca de dez correspondentes, será muito. Face a isto, torna-se fácil compreender

porque é que o uso de correspondentes internacionais nas televisões, nos jornais e na rádio tem vindo a diminuir drasticamente.

Segundo Erbolato (1991) “a consolidação das agências de notícias ocorreu pela impossibilidade de uma ampla cobertura internacional por parte dos diferentes órgãos de comunicação”. Neste momento, torna-se mais dispendioso manter um correspondente internacional a trabalhar para um meio de comunicação do que aliar esse meio a uma agência de notícias. Sambrook (2005, p.9) disse que com o desenvolvimento da Internet, “todas as organizações noticiosas começaram a procurar maneiras de conseguir mais dinheiro para investir nos novos serviços de notícias digitais. E, na primeira linha de preocupações com os custos, estavam as dispendiosas notícias internacionais”.

Ainda assim, o facto de a informação ser oriunda, em maior parte, das agências de notícias, torna o conteúdo, em certa parte, “homogéneo”, na medida em que são vários os órgãos que fazem uso dessa informação para informar o espectador. Isto faz com que os meios de comunicação que possuem correspondentes consigam vantagem sob os outros, pois o correspondente consegue trazer um “novo olhar” sobre o facto em questão e produzir conteúdo mais diferenciado.

Assim, sob o olhar de Mattelart (2000) as agências de notícias acabavam por funcionar como “um dispositivo de recolha e difusão de notícias, situado no centro do sistema mundial”. As agências acabaram por aproveitar o “sistema telegráfico a cabo, que lhes possibilitou transmitir informação a lugares muito distantes e a velocidades surpreendentes”.

É verdade que as agências noticiosas têm vindo a conquistar um papel de destaque nos diferentes meios de comunicação. No entanto, Moreira (2011, p.4) alerta que “o papel das agências permanece invisível para o comum consumidor” e que este apenas percebe a sua existência quando é feito algum tipo de referência nos conteúdos produzidos (“de acordo com a agência Reuters”; “segundo informação avançada pelo correspondente da agência France Press”, “com Lusa”, etc.). Golding e Elliott (citados por Wolf em 2006) acreditam que “as agências funcionam como uma primeira campanha de alarme para as redações. [...] E estão na base da grande maioria das notícias que, quotidianamente, absorvemos”. Ou seja, grande parte dos conteúdos que nos chegam através dos comuns órgãos de comunicação social são quase como

“sugeridos” pelas agências. Ao terem esse papel de “selecionar, recolher, filtrar e difundir” a informação, passam a ser designadas “gatekeepers”, algo que Silva (2002, p.3) definiu como “decisores primários das ocorrências que poderão ascender a notícia e das que permanecerão ignoradas – e, conseqüentemente, poderosos definidores da agenda jornalística”. Posteriormente, já na redação, são os jornalistas que analisam a relevância da notícia, assim como a sua qualidade, decidindo se vale a pena, ou não, tratar esse conteúdo e passá-lo ao leitor. Assim, as agências acabam por funcionar, em parte, como “decisores”, condicionando o que é publicado.

Alex Grijelmo, antigo presidente da agência de notícias espanhola EFE, afirmou que “o papel crucial das agências de notícias no mundo da informação está oculto para o público. Sabe-o bem qualquer jornalista, desde logo; contudo, poucos leitores, ouvintes e telespectadores sabem que uma altíssima percentagem do que lhes chega através dos meios informativos tem origem num teleimpressor”.

Com a chegada dessas agências e o envio dos jornalistas para os países estrangeiros, a figura do correspondente internacional foi ganhando força. Haskovec & First (1984) defendiam que a existência das agências de notícias se devia “principalmente, a uma necessidade económica”. Segundo os autores, “para cobrir toda a informação internacional e nacional de forma exclusiva, um jornal diário ou uma emissora de rádio teriam que manter um custoso e formidável corpo de repórteres, correspondentes, sucursais regionais e equipamentos de telecomunicação em escala mundial”.

Golding e Elliott (citado por Magalhães em 2011) na sua pesquisa onde compararam várias instituições televisivas irlandesas, nigerianas e suecas, concluíram que “o custo dos correspondentes no estrangeiro é infinitamente mais elevado do que a assinatura numa agência”, logo, os meios de comunicação preferem aliar-se às agências ao invés de contratarem correspondentes para serem enviados para determinados locais no estrangeiro. São assim evitadas inúmeras despesas, como o transporte, o alojamento, etc. Posto isto, os meios de comunicação passam a contratar um número mais reduzido de jornalistas para servirem de correspondentes, recebendo “a garantia de receber as mais recentes e importantes informações sobre os mais variados assuntos de seu interesse” (Nascimento, 2008, p.65)



### **III.2.1. Correspondentes e Enviados**

As funções e o trabalho que têm vindo a ser desempenhados pelos jornalistas correspondentes/enviados, independentemente da nacionalidade, têm vindo a sofrer transformações desde há vários anos. Com o passar do tempo, vêm surgindo alterações que mudaram a forma de trabalho e a rotinas destes profissionais que estão a centenas e milhares de quilómetros de distância da redação (e de casa).

Certos autores acreditam que a profissão de jornalista correspondente está prestes a acabar, porém há quem acredite que vai apenas continuar a sofrer alterações como tem acontecido até aqui.

De acordo com Los Monteros (1998) o correspondente “é o típico habitante da diáspora jornalística, destinado a trabalhar num dos lugares onde o jornal concentra esforços informativos. Para identificar as notícias de interesse no exterior, o correspondente apoia-se na imprensa e nos meios locais”.

Com a chegada das agências de notícias, o envio de jornalistas para países estrangeiros foi fortalecendo e foi-se criando a imagem do correspondente internacional. Alguém que viria a tornar-se cada vez mais comum no decorrer do século XIX e daí em diante.

Para Hohenberg (1981, p.377) a rotina diária de um correspondente internacional é resumida a partir dos seguintes aspetos: quando os jornalistas são selecionados para cobrir determinado acontecimento num país estrangeiro, a maneira como vão informar depende, obviamente, das facilidades de comunicação desse local. Há uma necessidade urgente de adaptação ao novo país e rapidamente descobrem como aceder aos diferentes meios de comunicação desse país, estabelecendo, posteriormente, contactos para futuras fontes. Precisam de desenvolver as suas próprias ideias e estratégias, algo que requer muito tempo e muito dinheiro.

Embora hajam semelhanças entre ambos, as diferenças nas rotinas de trabalho e na produção de notícias para os seus respetivos meios de comunicação é bastante alargada. Tratam-se de figuras e funções completamente diferentes, a vários níveis. Antes de continuar com a reflexão, importa alertar para a diferença que existe entre o enviado especial e o correspondente.

O enviado trata-se, quase sempre, de uma exceção. É, na maioria das vezes, um jornalista especializado no assunto em questão, que é enviado para um país onde esteja a ocorrer algum acontecimento relevante para o país no qual se situa o órgão de comunicação para o qual trabalha. Normalmente, o enviado passa apenas alguns dias no local em questão e regressa a casa de seguida. Podemos destacar na SIC a jornalista Cândida Pinto, enviada quase sempre para conflitos de guerra.

O correspondente internacional vive permanentemente no país de onde envia a informação, por sua vez, o enviado especial é um jornalista que vive no seu país, e se limita a experienciar uma nova cultura durante um determinado espaço de tempo, normalmente curto, e com uma tarefa específica. É escolhido de entre os outros jornalistas da redação, normalmente pelo facto de adquirir mais conhecimentos sobre o assunto ou, por vezes, sobre o país para onde vai ser transferido. Pode produzir um único artigo, sem necessidade de enviar regularmente artigos para a redação. Além disso, um jornalista pode ser um enviado especial numa cidade dentro do próprio país.

Hafez (2007, p.38), define o correspondente internacional como aquele que está alocado num país diferente do seu país de origem, com a finalidade de informar sobre os acontecimentos dessa área. Segundo Starck & Villanueva (1992, p.5) podem ser considerados como “o pessoal da media que reporta e interpreta as ações e acontecimentos de diferentes sociedades para uma audiência selecionada de leitores não originários do país”. Utley (1997, p.3) defende que o correspondente internacional desempenha três papéis fundamentais: o jornalista que relata o facto/acontecimento, o produtor do repórter de imagem e a figura que estabelece a ligação entre o meio de comunicação social para o qual trabalha e a história. Podemos destacar dois correspondentes principais da SIC: Henrique Cymerman (Israel) e Ivani Flora (Brasil).

Dado que “os correspondentes internacionais ainda são os cargos de maior prestígio na profissão (...) entender quem eles são é bastante relevante para a compreensão do jornalismo internacional” (Chakars, 2009, p.768).

“A maioria dos correspondentes internacionais acredita que a sua primeira obrigação é contar a história do povo do país onde trabalham, e não somente os atos oficiais do governo e os comunicados do Ministério à imprensa. O trabalho é difícil e exigente, requer longas, e algumas vezes irregulares horas de trabalho durante o dia e a noite, e pode perturbar a vida em família. Não admira que o índice de divórcio entre

os correspondentes internacionais seja elevado”. (Hohenberg, 1991)

É do conhecimento geral que as notícias internacionais requerem muito dinheiro. Segundo o jornalista americano Peter Goodman (2013), esse tipo de notícias “requer um profissional bastante qualificado, que domine outros idiomas, que saiba apurar e relatar bem as histórias, que tenha muita paciência e uma excelente memória”.

Para Maxwell e Jenner (2004) “o número cada vez menor de correspondentes internacionais segue uma tendência darwinista, em que os mais adaptados sobrevivem”. Isto significa que, o ideal para a redação, seja que o correspondente consiga fazer todo o trabalho sozinho e de forma autónoma, ou seja, recolher informação, escrever, filmar, gravar áudios, etc. A tendência é que, daqui para a frente, o correspondente seja cada vez mais um profissional multifacetado.

Manter um jornalista a exercer funções de correspondente internacional, ou até mesmo enviado especial, é algo muito dispendioso a níveis monetários. Desde o custo de deslocar o repórter para o local, ao dinheiro que tem de ser dado ao mesmo para que este consiga “sustentar-se” durante determinado tempo, o alojamento e ainda o material, tornam esta função algo muito caro, que muitos meios de comunicação não conseguem suportar. Para além dos custos que a deslocação inclui, há ainda dificuldades de comunicação entre a redação e o jornalista enviado, nomeadamente na dificuldade de capacidade de controlo que o editor tem sob o jornalista. Os principais meios de comunicação, apesar do processo de enviar um jornalista para um país estrangeiro (seja enviado ou correspondente) fazem grandes esforços por manter isso, visto que o facto destes profissionais conseguirem vivenciar e sentir a realidade do que acontece noutros países, é um ponto bastante a favor na hora de produzir conteúdos. Este tipo de cobertura jornalística oferece aos meios de comunicação mais visibilidade e credibilidade perante os restantes.

### **III.2.2. O Perfil do Correspondente Internacional**

Vicente (2013), em “International News Reporting in the Multidimensional Network: The socio-demographics, professional culture and newswork of foreign correspondents working across Sub-Saharan Africa”, estudou os perfis dos correspondentes internacionais nas várias regiões do globo. Com base nesse estudo, foi possível tirar

conclusões e traçar um perfil do correspondente internacional, que será exposto abaixo, de acordo com os critérios usados pelo autor:

#### ▪ **Idade e Experiência Profissional**

Maxwell (1956, p.387-388), durante a década de 90, examinou os correspondentes estrangeiros dos EUA num conjunto de "cinco principais instituições: familiares, educacionais, económicas, políticas e religiosas", abrangendo uma estimativa de "55 a 60 por cento de todos os correspondentes de tempo integral de nacionalidade americana que trabalham no exterior para agências americanas, jornais, revistas de notícias, redes de rádio e combinações dessas organizações".

O mesmo autor concluiu que esses alvos do estudo desempenhavam funções de jornalistas correspondentes, com idades entre os 25 e os 30 anos. Em 1992, a média de idades da maioria dos correspondentes americanos que desempenhavam a função de correspondente internacional era de 43 anos, sendo a maioria de 30 a 39 anos (45,8%).

A maior parte desses jornalistas incluídos no estudo já tinha passado um tempo considerável no estrangeiro antes de se tornar correspondente internacional (79%), principalmente na procura de um programa universitário (37%), a viajar de forma independente (26%) ou com a família (21%) (Hess, 1996).

#### ▪ **Sexo**

Nosaka (1992) fez também um estudo sobre jornalistas americanos que desempenhavam funções de jornalistas correspondentes no Japão. Dos 29 correspondentes que fizeram parte desse estudo, apenas um deles era do sexo feminino. Na década de 90, vários autores caracterizaram esse campo como "um clube principalmente masculino" (Utley, 1997, p.3).

No final da década de 90, apesar dos primeiros dados, as novas atualizações permitiram verificar uma ocupação da profissão mais igualitária. Dois anos depois, em 1992, 63,5% dos correspondentes internacionais dos EUA eram do sexo masculino e 36,5% pertenciam ao sexo feminino.

Fazendo uma comparação, durante a década de 1960 os valores eram de 95% - 5%, na década de 1970 de 84% - 16% e na década de 1980 era 67% - 33%. Claramente que se tratava de uma profissão executada principalmente por homens (Hess, 1996, p.132).

Morrison e Tumber (1985, p. 454-455) estudaram 404 correspondentes com sede em Londres, concluindo que apenas 15% da equipa de internacional eram mulheres, sendo o principal motivo apontado para "a sub-representação de mulheres provavelmente se enquadra na estrutura ocupacional do próprio jornalismo, em que poucas mulheres estão numa posição suficientemente alta para serem consideradas boas para o prestigioso papel de correspondente internacional".

A antiga ideia de que poucas mulheres desempenhavam funções de correspondentes internacionais tem vindo a ser abandonada com o passar dos anos. Essa tendência "tem sido historicamente interpretada como reveladora da dificuldade de acesso às atribuições estrangeiras e crítica de género das suas vidas e/ou trabalho que elas produzem quando apresentam relatos de acontecimentos internacionais" (Beeson, 2004, p.17).

As vidas das mulheres que eram correspondentes internacionais durante o início do século XX, como Marguerite Harrison, eram por vezes descritas como aventureiras. Essas mulheres não trabalhavam exclusivamente como jornalistas, mas sim como repórteres, correspondentes internacionais, escritoras de viagens e cineastas (Griggs, 1996).

A pesquisa feita abrange a guerra do Vietname (1955-1975), descrita como um período de transição para as mulheres na função de correspondente de guerra, argumentando que foram encorajadas pelo movimento das mulheres e pela Lei de Direitos Civis de 1964, que pressionava as organizações noticiosas e as autoridades militares a garantir um acesso igual a todos. Apesar deste movimento, a maioria das mulheres jornalistas que abrange o conflito do Vietname eram *freelancers*, dum universo de 267 mulheres americanas credenciadas pelo Departamento do Exército dos Estados Unidos (Born, 1987).

Estudos mais recentes já incluem a guerra do Golfo Pérsico (1990) e a Guerra do Iraque (2003), reforçando a ideia de que "entre as áreas mais difíceis para as mulheres jornalistas obterem reconhecimento pelas suas contribuições, estava dentro do domínio

tradicionalmente masculino de relatórios de guerra" (Fennel, 2005, p.178): durante a guerra do Golfo Pérsico, aproximadamente 10% (200 num universo de 2000) dos jornalistas oficialmente registados pelas forças armadas americanas eram mulheres.

#### ▪ **Região para onde são enviados**

Em relação à região para onde os correspondentes internacionais são enviados mais frequentemente, considerando os correspondentes dos EUA estudados por Maxwell (1956), a maioria foi destacada para uma capital urbana europeia – nomeadamente Londres (15,79%), Tóquio (14,35%), Paris (10,05%) e Roma (7,18%). Em 1992, a maioria deles ainda tinha sede na Europa (53%) e na Ásia (25%).

A África (5%) foi a região mundial com a menor presença de correspondentes internacionais dos EUA. Tal facto foi justificado por: "a cultura da correspondência internacional classifica os jornalistas igualmente como especialistas – asiáticos, africanos e assim por diante - e generalistas. Para os generalistas, a atração das atribuições em diferentes cantos do mundo é talvez a principal atração do seu trabalho" (Hess, 1996, p.51).

Os estudos existentes demonstram ainda quem são os correspondentes internacionais que trabalham nos EUA, concluindo que, em 2000, trabalhavam principalmente para organizações de notícias com sede na Europa Ocidental (47%), Ásia (27%) e Américas (12%). A África também era a região mundial com menos correspondentes internacionais com base nos EUA (2%) - a maioria tinha 30-39 anos, eram homens (75%), com sede em Washington (56%) durante um período de 2 a 5 anos (Hess, 2005).

Pesquisas anteriores que incluem correspondentes internacionais de Washington, D.C. mostram que o típico repórter internacional da década de 1990 era um homem de 41,7 anos, licenciado, bem remunerado e com 17,5 anos de experiência profissional (Chen, 1995).

## ▪ Educação

No início da década de 1990, a mesma pesquisa descobriu que 57% dos correspondentes dos EUA, que iniciaram as suas carreiras antes de 1960, tinham frequentado as escolas mais seletivas. Por outro lado, 85% dos que tinham trinta anos ou menos frequentavam colégios muito seletivos (Hess, 1996, p.181).

Embora ainda sejam escassos os estudos de caracterização demográfica dos correspondentes (especialmente as mulheres), é possível afirmar que, em relação à correspondência internacional dos EUA, "nos últimos anos, o ensino superior parece ser uma necessidade de qualificação para a maioria dos correspondentes de guerra femininos" (Fennel, 2005, p.69). Entre esses jornalistas, a maioria tem educação pós-secundária, diplomas em jornalismo ou em ciências humanas e sociais.

Foi admitido que, apesar da educação formal, "com notáveis exceções, a maioria dos correspondentes internacionais não são historiadores ou especialistas regionais. Apenas alguns falam uma língua estrangeira" (Mody, 2010, p.20).

Hess (1996) apresenta dados que, aparentemente, descartam essas afirmações históricas: em 1992, correspondentes internacionais dos EUA declararam mostrar alguma proficiência em duas (36%), três (23%), quatro (10%) e mais (5%) línguas. Embora, na extensão exata, esses números se baseiem na autoavaliação de correspondentes internacionais, é difícil extrair uma apreciação mais exata do seu significado prático real. Por outro lado, Nosaka (1992) descobriu que a barreira do idioma ainda era um problema para repórteres americanos que trabalhavam no Japão, particularmente para correspondentes mais antigos.

Mais recentemente, a pesquisa mostrou ainda o facto da pouca fluência em língua árabe ser ainda um fator que contribui para a Guerra do Iraque (2003) ser fortemente dependente dos jornalistas iraquianos. (Palmer & Fontan, 2007, p.8) afirmam que "a maioria esmagadora dos jornalistas fala nada ou muito pouco árabe, e todos afirmaram que poucos jornalistas ocidentais tinham um nível adequado de competência linguística para o jornalismo". O estudo também ilustra que os jornalistas estão cientes de que a dependência da linguagem por parte de tradutores tem os seus próprios riscos, como possíveis erros de tradução e/ou omissões, a incapacidade de entender a cultura local e o mediador direcionando a visão dos jornalistas.

## ▪ Perfis Ocupacionais

O público americano chegou a ver a profissão de correspondente como o "trabalho de sonho". E, não só o público em geral, mas muitos dos correspondentes em si estão impressionados com os seus próprios papéis, "particularmente naquela subdivisão perigosa de relatos de correspondentes de guerra" (Maxwell, 1956, p.11)

Analisar os esforços de pesquisa anteriores em direção a uma tipologia da correspondência internacional moderna com base no emprego/contexto ocupacional e no tempo baseado na mobilidade local, isto é, a mobilidade dos correspondentes identifica uma divisão entre uma Equipa A e uma Equipa B (Pedelty, 1995). Normalmente, o primeiro é composto por *staff reporters* (*long-termers*, repórteres especializados ou *spirals*). Na segunda categoria ocupacional encontramos *stringers* e *fixers* (Hannerz, 2004). Sem esquecer, o relato internacional de notícias também é praticado por um grupo muito diversificado de jornalistas *freelancers* (Hess, 1994 - 1996).

*Stringers* são descritos como pertencentes a "uma subcategoria de *freelancer* que fornece regularmente conteúdos para um cliente específico", sendo reconhecido que "como as principais organizações de notícias fecharam ou consolidaram agências estrangeiras e reduziram a dotação permanente no exterior, os leilões estrangeiros tornaram-se ainda mais cruciais para a cobertura internacional" (Bunce, 2011; Polumbaum, 2009, p. 644).

Por outro lado, o trabalho dos *stringers* é considerado como "uma mudança adicional no processo, intervindo entre o acontecimento, a fonte e o jornalista, tanto através das combinações que eles fazem como no seu papel como intérprete" (Palmer & Fontan, 2007, p.6; Paterson, Andresen & Hoxha, 2011).

A pesquisa que estuda a cobertura da Guerra do Iraque (2003) mostra que a maioria dos criminosos que trabalhavam para organizações de notícias francesas ocupavam cargos oficiais durante o regime de Saddam Hussein - alguns eram ex-militares, como generais e coronéis. Verificou-se também que "os jornalistas franceses não consideravam os seus passados como um problema, mas como uma maneira útil de abrir portas na sociedade iraquiana, enquanto tomavam nota de até que ponto os seus



passados poderiam influenciar a maneira como eles realizavam o seu trabalho” (Palmer & Fontan, 2007, p.9).

Hess (1996, p.52-53) dá uma forma demográfica quanto à especialização ocupacional concluindo que: “os correspondentes que são especialistas têm três características que os fazem estatisticamente diferentes dos seus pares: maior tendência a casar com alguém da região, maior facilidade no idioma das suas publicações e maior tendência a ter uma melhor conexão com a região na sua juventude”.

“Não há substituto adequado para ter jornalistas de primeira linha que relatam a região em que foram destacados, onde conhecem os jogadores e onde falam a língua” (Jordan, 1999, p.9). Mais explicitamente: o correspondente era tradicionalmente um nacional do país onde o seu canal estava localizado, aquele que passasse um período substancial no exterior e conhecesse bem o país anfitrião, o que talvez incluísse tornar-se fluente na língua. Determinada pessoa foi assumida como sendo melhor escolha para mediar duas nações: pode supor-se que ele/a compreenda as necessidades de notícias da nação-alvo sobre o país anfitrião e tenha adquirido um conhecimento suficiente do país anfitrião para entender o que era importante nesse contexto também” (Palmer & Fontan, 2007, p. 20).

#### **I.2.2.1. Jornalistas Correspondentes - África Subsariana**

Ainda de acordo com Vicente (2013), que estudou um universo de correspondentes internacionais de 41 países da África Subsariana, onde questionou 124 profissionais, foi possível traçar o perfil desses correspondentes, de acordo com os mesmos indicadores usados anteriormente.

Relativamente às idades, a maioria dos inquiridos (47,15%) tinham entre 33 e 42 anos. 68,55% dos inquiridos eram do sexo masculino e 49,19% tinha entre 6 e 17 anos de experiência profissional. Em relação à experiência no campo do jornalismo internacional, 52,42% tinham até 5 anos de experiência. Quanto à área de educação, 68,55% dos inquiridos eram formados nas áreas de humanidades e ciências sociais, sendo que 42,74% tinham obtido o grau de Mestre.

Quanto às organizações, 50,81% dos correspondentes trabalhava para três ou mais organizações internacionais noticiosas e 38,71% eram *freelancers*.

#### **I.2.2.1. Jornalistas Correspondentes - Portugal**

Segundo Coelho<sup>2</sup> (2014), foi possível traçar o perfil dos correspondentes internacionais que existem em Portugal, isto é, jornalistas estrangeiros que exercem funções de correspondentes no nosso país. A autora inquiriu 32 profissionais portugueses, através de um questionário com 16 perguntas.

Daí, resultou que a maioria dos inquiridos era do sexo masculino, representando 53% do total da amostra, e exatamente metade tinha mais de 50 anos. Das 13 nacionalidades incluídas na amostra, há um empate entre portugueses e brasileiros, representado 7 casos cada um - 21 dos inquiridos eram europeus e 11 americanos. Quanto ao nível de educação, 13 são mestres e 12 licenciados. Relativamente à área de formação, mais de 50% afirmou ser formado em jornalismo (ciências sociais).

Quanto à experiência profissional em jornalismo internacional, verifica-se um empate de 22% dos inquiridos com 11 a 17 anos de experiência, e outros 22% com mais de 27 anos de experiência. Do total dos inquiridos, 11 deles trabalham para três ou mais órgãos de comunicação, traduzindo-se numa clara predominância de jornalistas em regime de *freelancer*.

### **III.3. O Jornalismo de Guerra**

Atualmente, as agências de notícias enviam quantidades brutais de informação diariamente para os diferentes meios de comunicação. Soares (2009) diz que a agência francesa *France Press* envia, diariamente, cerca de cinco mil *feeds* para 165 países, com os quais traduzem informações em seis idiomas diferentes (francês, inglês, alemão, árabe, português e espanhol). No entanto, é do senso comum que essa quantidade de informação não tem lugar nas publicações dos diferentes órgãos. Para tal, há um processo de seleção bastante rigoroso, onde se decide o que é viável ser, ou não, notícia.

---

<sup>2</sup> Um retrato socioeconómico dos jornalistas estrangeiros em Portugal, 2014

Então, segundo vários critérios bastante exigentes, a editoria de Internacional tem a tarefa de selecionar e filtrar aquilo que será relevante. “Nenhuma outra editoria do jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações. O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa de utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção” (Natali, 2007, p.10-11).

Ainda segundo o autor, existem quatro temas que são considerados relevantes no noticiário internacional: “guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas”. Isto significa que, na dúvida, é escolhido o artigo que se encaixe num destes quatro temas.

Muitas das vezes, o fator principal para decidir se uma história interessará, ou não, ao público prende-se também com o risco de fatalidade. Quanto mais tragédia houver, melhor. Por exemplo, se explodir um armazém em Espanha, provavelmente não irá suscitar qualquer tipo de interesse em sabê-lo, mas se, essa explosão provocar vítimas mortais, mesmo que nenhuma das vítimas seja um cidadão nacional, a relevância noticiosa aumenta instantaneamente.

Uma das principais características das notícias selecionadas pela editoria de internacional de um órgão de comunicação é a violência, “que transforma os conflitos em guerras”. O facto de poder ser algo que “chama a atenção”, pela riqueza visual que tem, é algo que funciona como um estímulo para o consumidor. Wainberg (2005) diz que a violência terrorista é um dos principais assuntos retratados na editoria de internacional e o efeito mais frequentemente gerado por ela é o medo.

A cobertura do jornalismo internacional orientado para a violência, pode ser justificado pelo desejo de “agregar valor dramático à crónica diária que faz do mundo” (Wainberg, 2005, p.14). O elevado número de feridos e mortes, e principalmente de inocentes em episódios terroristas permite que a editoria de internacional consiga obter resultados/conteúdos bastante sensacionalistas, com cenários graves, impactantes e inesperados. Ainda segundo o autor, “a violência conquista com bastante facilidade a audiência e a imprensa, ataques bombistas e sequestros de aviões, por exemplo, totalizaram 67% das ocorrências terroristas transnacionais na década de 1980”.

Nos últimos tempos podemos observar que se tem dado um destaque especial a acontecimentos de diversos tipos de conflitos. O “click” acontece quando o leitor percebe que a violência que está a presenciar pode atingir contornos sociais, o que leva

o órgão de comunicação social a encaixar esses episódios no noticiário. Segundo Angrimani (1985), “os jornais atendem a uma necessidade inconsciente do leitor, que prefere ver o cadáver morto, a ele mesmo estar ali naquele estado. (...) Na relação a três: morte-jornal-leitor, a morte do outro é consumida como espetáculo”.

De acordo com Los Monteros (1998), apesar de todas as evoluções que têm vindo a ocorrer nas técnicas de redação desta editoria, há uma característica que continua: o interesse por guerras e conflitos de violência.

O envio de jornalistas correspondentes e enviados especiais para as guerras que iam acontecendo pela Europa, ocupavam lugares de especial destaque nos noticiários. Esses conflitos de guerra foram uma ferramenta indispensável na evolução e aperfeiçoamento da figura do correspondente, bem como das técnicas de redação e produção de conteúdos internacionais.

A cobertura de conflitos internacionais foi um grande desafio para os jornalistas que eram enviados para esse tipo de cenários, pondo esses profissionais à prova numa luta contra o tempo, relacionada com o envio dos artigos para a redação.

### **II.3.1. O Correspondente de Guerra**

Marshall McLuhan<sup>3</sup> afirma que, se a guerra existe, tal facto deve à cobertura jornalística e que “são hoje os jornalistas e os media em todo o mundo, e já não os soldados, os verdadeiros combatentes”.

Desde sempre os jornalistas cobriram os episódios de guerra, de maneira tal que o jornalismo foi caminhando lado a lado com as alterações que iam acontecendo na sociedade. Os correspondentes de guerra tinham como missão relatar todos os conflitos para todo o tipo de público e podemos destacar Hemingway, Evelyn Waugh e William Howard Russell como alguns dos pioneiros nesse campo, que vieram substituir os chamados “cronistas de guerra”, que produziam relatos amadores sobre os conflitos, sem qualquer tipo de método jornalístico.

O trabalho do jornalista de guerra remonta à segunda metade do século XIX, aquando do envio de jornalistas vindos da Europa e da América do Norte, para cobrir a

---

<sup>3</sup> Citado por Carlos Santos Pereira, op. cit., p. 372, 2005

Guerra da Crimeia, o primeiro conflito coberto por agências noticiosas (*Havas* e *Reuters*) e por um correspondente.

Os conflitos internacionais e armados que ocorrem nos dias de hoje são relatados de forma exaustiva pelos meios de comunicação social. Independentemente do local onde ocorrem, seja em países desenvolvidos ou “no mais esquecido país do terceiro mundo”, prontamente são enviados jornalistas para os diferentes cenários de guerra, na tentativa de uma obtenção abrupta de informação. É aqui que se dá início a uma nova guerra, onde cabe ao jornalista decidir o que é relevante e próprio para enviar ao leitor.

Então, se existe um conflito, claramente que o espectador se quer manter informado, seja através da rádio, televisão, jornais ou até mesmo da Internet. Obrigatoriamente, o meio de comunicação que não esteja apto para dar essa informação, ao mais ínfimo pormenor, sai em desvantagem perante a concorrência. E porquê? Porque atualmente “o desastre vende mais que a felicidade” e é isso que o público compra, o desastre e a tragédia. Daí um conflito armado estar sempre presente no conteúdo editorial de um meio de comunicação.

O envio de um jornalista para um cenário de guerra envolve muita coisa e, quando falamos em “muita coisa”, estamos a referir-nos à relevância da história e, muitas vezes, ao fator principal - o dinheiro que se vai gastar com esse envio. Cabe à direção de um órgão de comunicação social decidir se vale a pena gastar meios humanos e financeiros para cobrir determinado conflito. Ou se aproveitar o conteúdo de outros meios de comunicação internacionais, como a BBC ou a Reuters, não será o suficiente para satisfazer o leitor.

Muitas vezes, o jornalista de guerra é visto como um herói. Aquela imagem do profissional que não tem medo de pôr a própria vida em perigo para cobrir os conflitos internacionais mais violentos, encanta os meus curiosos. Muitos dos jornalistas de redação são atraídos pelas aventuras por que passa o correspondente, onde escala lugares perigosos e desconhecidos, devastados pela guerra e rodeados de mortes e destruição.

O que está por detrás da cobertura de guerra envolve fatores que, muitas vezes, são inimagináveis. O trabalho e a função do correspondente de guerra carecem de muitos desafios e obstáculos que apenas são ultrapassados com muito esforço e

dedicação. Por vezes, há fatores que dificultam esse trabalho, como por exemplo as pressões políticas e profissionais. Estes profissionais arriscam as próprias vidas para tentar apelar à consciencialização pública sobre os determinados factos e acontecimentos que acontecem em determinados países. Na maioria das vezes, as situações são ainda mais extremas, há um desejo e uma tentativa de apelar à comunidade internacional para que esta intervenha nesses climas de guerra e adote medidas que amenizem esses cenários. É fundamental que o jornalista consiga separar o trabalho das emoções. A não separação destes dois fatores pode influenciar na hora de produzir conteúdos totalmente imparciais.

De acordo com a organização não-governamental *Repórteres Sem Fronteiras*, em 2016 foram assassinados 61 jornalistas, na maioria pertencentes ao México (10), Síria (11) e Iraque (8). Também segundo o *Comité de Proteção aos Jornalistas* (CPJ), só este ano já morreram 21 jornalistas: 12 deles com mortes confirmadas (12 deles devido à guerra, 10 por questões políticas e 6 por violação dos direitos humanos) e 9 por confirmar. De acordo com um gráfico disponibilizado pela mesma fonte (Anexo 12), o número de jornalistas mortos tem vindo a aumentar sensivelmente desde 2002. Ainda segundo o CPJ, foram assassinados 52 jornalistas desde o início da guerra civil na Síria em 2011.

De modo a conseguir-se proteger estes profissionais que arriscam as próprias vidas em prol da sua profissão, alguns organismos como a CNN, a BBC, a *Associated Press* ou a *Reuters*, criaram um Código de Conduta para a Segurança, onde estão reunidas condições mínimas de trabalhos e direitos para estes correspondentes de guerra.

#### **II.4. Guerra vs Terrorismo**

Apesar de, na maioria das vezes, o conceito de guerra ser diretamente associado ao terrorismo pela sociedade, a verdade é que cada um abarca diferentes significados e noções. A guerra pode ser definida como um acontecimento que provoca graves mudanças nas sociedades que estão envolvidas no conflito, originando transformações na forma de relacionar das pessoas, nas questões sociais, políticas, económicas e culturais.

O Dicionário de Relações Internacionais (2015, p.93) define a guerra como “um conflito em que a violência é aberta e as armas são efetivamente utilizadas”. Claude Rousseau considera a guerra um “fenómeno de violência política”, mas acrescenta que é uma “luta armada entre Estados, utilizando meios e formas regulamentados pelo Direito Internacional, com o fim de impor um ponto de vista político”. A guerra pode ter na sua origem motivos religiosos, étnicos, ideológicos, económicos, territoriais/geográficos, de vingança, ou de posse.

Carl Von Clausewitz, autor da obra “On War” (1832, p.89), define guerra como “um ato de força com a intenção de compelir o inimigo a fazer a nossa vontade”. O autor faz ainda uma breve ligação entre a guerra e a política, usando essa mesma ligação para construir opiniões e definir termos nesse ramo. A essa ligação deu o nome de “fórmula”: “A guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios”.

Através desta fórmula, é possível entender a distinção entre os fins da guerra (objetivo da guerra) e os fins na guerra (objetivo na guerra). “A guerra tem por objetivo a paz; o objetivo na guerra é destruir as forças militares, o que significa que estas têm de ser colocadas em tais condições que se tornem incapazes de prosseguir o combate”.

O termo guerra civil<sup>4</sup> refere-se a um confronto que gera uma série de conflitos armados entre determinados Estados, partidos ou grupos de um povo (seja por motivos sociais, políticos ou religiosos). A guerra tem algumas características que lhe conferem “um carácter mais distante e de menor receio”. Primeiramente, o facto de apresentar algumas regras faz com que seja um acontecimento mais previsível, logo, vai haver uma maior segurança. Por ser algo que acontece num determinado território definido, ainda que faça algumas vítimas paralelas, acaba por ser um conflito “entre soldados com direito de defesa”.

Estes dois conceitos, embora sejam usados muitas vezes sem muita distinção e, apesar de ambos envolverem fenómenos de violência, não são iguais.

Allan & Zelizer (2004, p.67) referem que “todos os atos terroristas envolvem violência ou a ameaça de violência. Um ato terrorista normalmente seria considerado um crime. A maioria dos atos terroristas também violaria as regras da guerra.” Os

---

<sup>4</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_civil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_civil)

autores referem ainda que “o terrorismo consiste em atos realizados de forma dramática para atrair publicidade e criar uma atmosfera de alarme que vai muito para além das vítimas reais (...) os terroristas apontam a sua violência para as pessoas que estão a assistir”.

Na realidade, o terrorismo tem intenção de provocar medo através da propaganda dos seus atos. Assim, a primeira intenção terrorista é a ameaça, o terror e o medo, publicitado pelos meios de comunicação social. Podemos, então, referir outras características que fazem alusão à capacidade terrorista de provocar medo, nomeadamente a imprevisibilidade dos ataques terroristas, e por isso mesmo, não terem defesa possível.

Maria Sousa Galito<sup>5</sup> descreve terrorismo como algo que geralmente “envolve violência física ou psicológica contra alvos não combatentes, selecionados ou aleatórios”.

Segundo Bakker (2013) o terrorismo “é um fenómeno a nível global que tem um grande impacto na paz e na segurança internacionais, além de influenciar as relações entre os Estados e as suas comunidades”. Com base em dados de 2012, disponibilizados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, houve cerca de 7 mil ataques terroristas, mais de 11 mil mortes e mais de 21 mil feridos nesses mesmos ataques. Ainda segundo o autor, engane-se quem pensa que os países mais afetados são as grandes potências; aqueles que mais sofrem são o Iraque, Afeganistão, Paquistão, Nigéria e Rússia. Este conjunto representa quase 9 mil mortes por atentados só no ano de 2012.

A palavra terrorismo deriva de terror, derivado do verbo latim *terrere*, cujo significado é: “fazer alguém tremer por meio de grande medo” (Schmid, 2011, p.41).

Definir o termo “terrorismo” não é algo fácil nem algo que tivesse sido feito com clareza até aos dias de hoje. A sua definição está relacionada com a história, as políticas das nações e organizações internacionais e a cultura, o que dificulta ainda mais essa tarefa. De facto, aquilo que existe são diversos tipos de abordagens: “política, psicológica, criminal, académica e religiosa”. Face a essas abordagens, o terrorismo pode ser interpretado de várias maneiras: “como um crime, um ato religioso, um ato de

---

<sup>5</sup> *Terrorismo – Concetualização do Fenómeno*, 2013



guerra ou um ato político”. Importa lembrar que não existe uma abordagem certa ou errada. “Um ato terrorista pode ser considerado criminoso e com consequências políticas, ou pode ser visto, dependendo do contexto, como um sacrifício religioso; ou ainda o atentado em si pode ser considerado um meio de comunicação, a fim de passar uma mensagem de terror para as pessoas” Alex Schmid (2011, p.2).

Hoffmann (2006) acredita que, se o terrorismo tem ligado a si uma componente política, então o uso consequente da violência está automaticamente ligado a um desejo de algum tipo de mudança política (seja no regime ou na obtenção de mais autonomia). Para conseguir tal coisa, aproveita-se da fragilidade das pessoas para provocar nelas efeitos psicológicos, que consequentemente vão provocar um clima e sentimento de medo nas restantes comunidades locais, que se irão sentir pressionadas e alterarão os seus comportamentos de acordo com aquilo que é pretendido com o terrorismo. Schmid & Jongman (1984) afirmam que são estes fatores que diferenciam o terrorismo do assassinato simples.

No entanto, “depois de anos de debate e milhares de mortes, nós ainda não estamos mais perto de uma definição de terrorismo que é aceite por unanimidade pela comunidade internacional.” (Gupta, 2006, p.12).

#### **II.4.1. O 11 de setembro**

Saltamos então para o século XXI, onde começam a surgir as primeiras manifestações violentas por parte da Al-Qaeda, grupo que terá sido responsável pelos ataques feitos às torres gémeas a 11 de setembro, nos Estados Unidos. Segundo Loureiros dos Santos (2002) este grupo radicalista “tem muitas características das superfamílias internacionais do crime, com tentáculos em todo o mundo”. Financiado através do narcotráfico na Ásia Central e da lavagem de dinheiro, foi associado a Bin Laden, considerado o maior terrorista de todos os tempos e morto em 2011 pelo exército dos Estados Unidos.

Segundo dados disponibilizados pelo *Center for Systemic Peace*, até março de 2011, o número de ataques terroristas de “elevada causalidade” aumentou significativamente após 2001. Entre 2001 e março de 2011, foram mortas 28 590 pessoas em 693 ataques de índice agravado.

Voltando aos ataques terroristas de 11 de setembro, é plausível afirmar que estes foram um marco na história do terrorismo. Os danos causados foram incalculáveis e a destruição maciça que foi produzida também. Foram atacadas as torres gêmeas em Nova Iorque e o Pentágono em Washington DC, e os estragos produzidos provocaram mais de 3000 mortos. Face a isto, foram tomadas medidas de maneira a apaziguar e a prevenir eventuais futuros ataques: foram criadas novas leis nacionais e novos acordos a nível internacional.

Haarscher (2002) defende que a principal preocupação era preservar a democracia e a segurança, sem pôr em risco tanto os cidadãos, como os seus próprios direitos. Tais transformações motivaram mudanças brutais no país e no sistema, que passou a precaver-se da maneira mais dura.

Após o atentado, o tema começou a ganhar um maior destaque e, apesar dos atentados serem mais comuns nos cinco países acima citados, todos os Estados e organizações internacionais colocaram essa “palavra” no topo das suas prioridades, como a Organização das Nações Unidas (ONU).

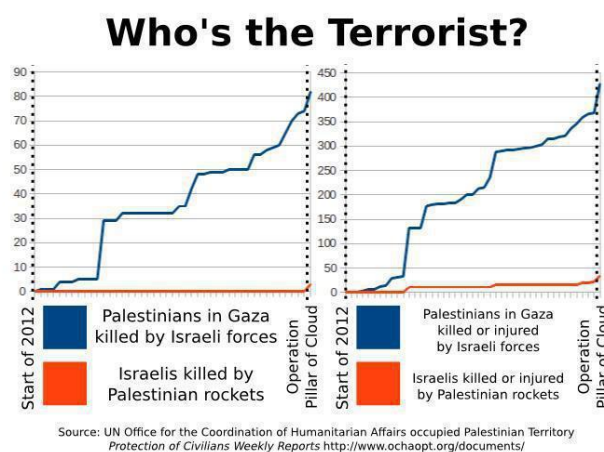
Encarar o terrorismo como um crime ou até mesmo um ato de guerra, não é uma questão consensual e provoca demasiados debates e contradições de ideias. Aeckerman (2007) defende que a luta contra o terrorismo internacional não é uma guerra, nem uma simples luta contra o crime. Para o autor, “a raiz do terrorismo contemporâneo não é religiosa ou ideológica, e que resulta de uma mudança paradigmática ao nível das relações entre os Estados, os mercados e as tecnologias de destruição”.

Importa recordar o facto de o terrorismo ser único e implacável na forma como impõe o medo. O número de vítimas é, regra geral, significativamente inferior ao número de pessoas afetadas por ele.

De acordo com Merani (1993) o terrorismo “envolve um nível baixo de insurgência e um elevado de espontaneidade”, sendo o número de pessoas envolvidas reduzido e preparado para aguentar a pressão que está envolta no conflito. De um ponto de vista mais concreto, o terrorismo utiliza meios bastante simples, mas que provocam danos bastante complexos na sociedade: armas, granadas, bombas, ataques suicidas, raptos, assassinatos, etc. O objetivo passa sempre pelo mesmo: incutir o medo e o pavor nas pessoas.

Considero pertinente o uso de um exemplo bastante concreto que envolve, ao mesmo tempo, guerra e terrorismo. O caso de conflito entre Israel e a Palestina. É do conhecimento de todos que Israel tem a vantagem de ter como aliado os Estados Unidos. Então, de que maneira é que esta aliança influencia a forma como são encarados e tratados os ataques feitos contra a Palestina, pelos meios de comunicação social? É certo que, por diversas vezes, o ex-presidente Barack Obama proferiu declarações onde lamentava a morte de palestinos, em Gaza, mostrando a sua discordância com as decisões de Benjamin Netanyahu, primeiro ministro de Israel. No entanto, apenas discordava, nada mais. Não agia. Se analisarmos atentamente, não vemos uma condenação explícita dos atos de Israel pelos meios de comunicação norte-americanos, vemos apenas publicações referentes às consequências desses mesmos atos.

No gráfico seguinte, referente a 2012, disponibilizado pelo *Relatório Semanal da Protecção de Civis do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários Território Ocupado na Palestina*, podemos observar que Israel tem uma vantagem militar sobre a Palestina, algo que se traduz no elevado número de palestinianos mortos e/ou feridos em Gaza, resultados de ataques israelitas.



**Gráfico 1:** Número de palestinianos e israelitas mortos no conflito no início de 2012

É possível perceber uma grande diferença entre a Guerra e o Terrorismo. Primeiramente, a guerra é planeada e organizada por entidades governamentais, enquanto o terrorismo é da responsabilidade dos grupos que se pretendem afirmar, mas

como não têm qualquer tipo de projeção nacional ou internacional, sentem-se obrigados a usar métodos extremos, como atentados ou sequestros.

Por outro lado, ao analisarmos através do ponto de vista dos meios de comunicação social, percebemos que, contrariamente à guerra, o terrorismo é um ato firmemente condenado. Por sua vez, a guerra chega mesmo a ser “incentivada através da propaganda”. O melhor exemplo para este caso foi a guerra que os Estados Unidos declararam ao Iraque por supostas armas de destruição maciça que estes teriam.

Ainda de acordo com Merani (1993), podemos comparar a Guerra e o Terrorismo segundo vários fatores:

	Guerra	Terrorismo
<b>Tamanho da Unidade</b>	Grande (exércitos)	Pequena (em regra menos de 10 pessoas)
<b>Armas</b>	Aviões de combate, artilharia, etc.	Pistolas, espingardas, granadas, etc.
<b>Táticas</b>	Operações conjuntas, envolvimento do Exército, Força Aérea, Marinha, etc.	Táticas especializadas: rapto, assassinatos, ciberterrorismo, barricadas, bombistas suicidas
<b>Impacto Desejado</b>	Destruição física	Coerção psicológica
<b>Controlo do Território</b>	Sim	Não
<b>Uniforme</b>	Sim	Não
<b>Reconhecimento de Zonas de Guerra</b>	Limitado a zonas reconhecidas	Não reconhece zonas de conflito. Operações transnacionais
<b>Legalidade Internacional</b>	Sim, se conduzida com regras	Não

**Tabela 2** Diferença entre guerra e terrorismo, Merani (1993)

## **CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO**

### **III.1. Jornal da Noite e a Editoria de Internacional**

O Jornal da Noite é diariamente exibido pela estação de Carnaxide às 20 horas. Os jornalistas responsáveis pela apresentação são Rodrigo Guedes de Carvalho e Clara de Sousa. No ano de 2010, foi várias vezes o mais visto, em comparação com a RTP ou a TVI. A editoria de Internacional acaba por ser bastante pequena, contando apenas com cinco jornalistas. São eles: Cândida Pinto, Aurélio Faria, Sofia Arede, Susana André, Cristina Neves e Cristina Boavida.

### **III.2. Metodologia**

Depois de realizado o enquadramento teórico que sustenta o trabalho, o passo seguinte será uma análise empírica à forma como a SIC trata os conflitos internacionais durante o Jornal da Noite.

Segundo Gilbert (2013, p.113) “é essencial para qualquer investigação em ciências sociais que reconheça explicitamente que 1) teoria, método e análise estão interligados; decisões num afetam o outro; 2) os dados recolhidos e a sua interpretação nunca estão isentos à teoria subjacente do método escolhido; 3) teorias podem ser construídas a partir de conceitos e relações, e conceitos podem ser medidos através de indicadores. Indicadores precisam de ser analisados em termos de validade e fiabilidade”.

#### **III.2.1. Pergunta de Partida e Objetivos**

Quivy & Campenhoudt (1998, p.26-28) dividem a pesquisa científica do trabalho em três fases distintas: “a rutura, a construção e a verificação”. Na primeira fase, deve ser posta de lado qualquer tipo de ideia pré-definida em relação à forma como o canal trata o tema em estudo. Ainda segundo os autores, para que esta “rutura” seja feita da forma mais clara e correta possível, é importante seguir as etapas que a constituem: “construir e definir a pergunta de partida, fazendo a pesquisa e construindo a

problemática”. A pergunta de partida deve significar aquilo que se quer descobrir e perceber com o trabalho (Quivy & Campenhoudt 1998, p.33) e, para isso, deve ser construída de forma clara e objetiva, pois será o “fio condutor da investigação”. Foi então definida a pergunta de partida para esta investigação:

- **“Como se caracteriza a cobertura televisiva de conflitos internacionais no Jornal da Noite da SIC?”**

O objetivo desta investigação será, então, perceber de que forma é que a SIC trata e produz conteúdos relacionados com conflitos internacionais no Jornal da Noite, segundo certos critérios: posição no alinhamento, género jornalístico, duração, jornalista, protagonista, fonte de informação e ângulo/tema (conforme grelha de análise, Anexo 1)

Para além da pergunta de partida, foram definidas ainda cinco perguntas de investigação que são consideradas cruciais para perceber de que forma é feita esta cobertura.

1. Como se caracteriza a secção de internacional?
2. Que regiões e temas predominam nos conteúdos produzidos?
3. Como se caracteriza a cobertura televisiva de conflitos internacionais no Jornal da Noite da SIC?
4. Como é que os jornalistas da secção internacional da SIC caracterizam a cobertura noticiosa da SIC?

Seguindo a pergunta de partida acima referida, foram também definidos quatro objetivos específicos:

- a) Perceber qual a atenção mediática que a SIC dedica a este tipo de conflitos;
- b) Apurar os fatores que contribuem para o interesse da SIC em casos de conflitos internacionais;

- c) Perceber de que forma é tratado este tema pelos jornalistas trataram (tipo de discurso utilizado, tipo de peças jornalísticas, etc.);
- d) Entender qual a opinião dos jornalistas sobre a forma como a SIC cobre e trata casos de conflitos internacionais.

### **III.2.2. Técnicas de Recolha e Análise da Informação**

Importa agora definir o universo de estudo que, neste trabalho, corresponde às edições do Jornal da Noite da SIC. Relativamente à dimensão da amostra, esta corresponde ao período exato de um mês (31 dias), entre 1 de dezembro e 31 de dezembro de 2016. O que perfaz um total de 60 peças noticiosas, categorizadas e analisadas segundo vários critérios no Anexo 1.

De acordo com Álvaro Pires (1992, p.12) a amostra em causa trata-se de uma “amostra de tipo qualitativo”, onde se opta por uma “amostragem de caso único”, que neste caso corresponde a uma amostra de meio, por se tratar do estudo de apenas um programa de informação: o Jornal da Noite da SIC.

Para além da análise de conteúdo, a observação participante, o questionário online e as entrevistas foram as três principais técnicas de recolha de informação escolhidas, por considerar serem as que melhor se adequam aos objetivos pretendidos com esta investigação.

De acordo com Rodrigues (2008, p.56) “optou-se por técnicas que nos dão, a várias dimensões, perspetivas diferentes sobre uma mesma realidade e que nos permitem uma visão mais completa. O inquérito em plano geral dá-nos um retrato da «família»: a observação participante revela-nos cenários e imagens em movimento do grupo ou dos indivíduos; e a entrevista, em grande plano, revela-nos as expressões pertencentes a cada um”.

#### **III.2.2.1. Análise de Conteúdo**

Por se tratar de uma análise noticiosa, definiu-se a “análise de conteúdo” como técnica base, a qual foi aplicada às edições do Jornal da Noite da SIC analisadas.

A análise de conteúdo é uma técnica que engloba, ao mesmo tempo, a recolha e a análise, porque “se organiza em torno de três polos: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (Bardin, 1995, p.95). Na realização e execução desta técnica, foi construída uma grelha de análise de conteúdo (Anexo 1), com o objetivo de analisar o mais detalhadamente possível as peças jornalísticas, categorizando-as por “géneros jornalísticos – notícias, reportagem, entrevista, direto, notícia de última hora e *promo*”, entre outros critérios.

De acordo com as características da investigação, foi decidido realizar a investigação através de uma abordagem qualitativa e quantitativa. Desta forma, será possível obter um significativo número de dados qualitativos e quantitativos. Primeiramente, procurou traduzir-se em números a quantidade de publicações durante cada edição do Jornal da Noite e perceber, assim, quantos “espaços” no total foram ocupados por temas relativos a conflitos internacionais.

Relativamente ao nível qualitativo, o que se procurou foram as informações não contabilizáveis que iriam refletir a verdadeira importância dada ao tema. Os dados qualitativos prenderam-se essencialmente através do questionário online e das entrevistas.

Para complementar a análise de conteúdo em estudo, foram realizados questionários online (Anexo 7) a toda a equipa de Internacional da SIC e três entrevistas (Modelo de Entrevista - Anexo 8): Cândida Pinto (jornalista especializada em assuntos de guerra e, muitas vezes, enviada especial), Henrique Cymerman (correspondente em Israel) e Aurélio Faria (jornalista da equipa de Internacional).

#### **III.2.2.2. Observação Participante**

A observação participante foi uma das técnicas adotadas nesta investigação. Dado que o inquérito online e a entrevista por si só “desenvolvem ao investigador, sob a forma de discurso, inúmeras perspetivas de análise com diferentes níveis de aprofundamento. No entanto, deixam de fora as práticas dos indivíduos” (Rodrigues, 2008, p.58), acabam por não ser técnicas suficientes nesta abordagem.



Esta técnica em questão foi realizada antes de este relatório começar a ser realizado, uma vez que permitia a retirada de certas conclusões, que ajudariam a perceber de forma mais clara todos estes procedimentos.

A observação participante foi uma parte bastante importante nesta investigação, uma vez que permitiu perceber o funcionamento de uma redação durante os seis meses de estágio. O facto de ter passado pelo Jornal do Meio Dia, da SIC Notícias, e pelo Primeiro Jornal, da SIC, fez-me ter a percepção de uma seleção de conteúdos totalmente diferentes. Através da análise dos alinhamentos de cada uma destas edições e dos trabalhos que me eram pedidos, pude reparar como há uma maior liberdade de conteúdos no canal SIC Notícias, pois o facto de haver várias edições durante o dia faz com que haja um maior número de conteúdos a passar para o ar – conteúdos relacionados com todo o tipo de temas. De forma concreta, mais facilmente vemos um atentado numa escola no Iraque a passar no Jornal do Meio Dia do que no Jornal da Noite.

### **III.2.3.3. Questionário Online**

Segundo Aaker (2001), a construção de um questionário é considerada uma “arte imperfeita”, pelo facto de não existirem métodos que ofereçam a garantia de atingir objetivos com boa qualidade. Ainda de acordo com o autor, existem “fatores como o bom senso e a experiência do pesquisador” que ajudam a evitar certos tipos de erros nos questionários, como as “questões ambíguas, potencialmente prejudiciais, dada a sua influência na amplitude de erros”.

Aaker definiu uma sequência de etapas que devem ser seguidas na hora de construção de um questionário:

1. Planeamento do que vai ser citado
2. Formulação das perguntas que irão permitir obter as informações necessárias
3. Definição da ordem das perguntas e do aspeto visual do questionário
4. Teste ao questionário, utilizando uma pequena amostra
5. Caso necessário, correção do problema e novo pré-teste

Relativamente ao formato das respostas, este deve ser decidido tendo em conta as vantagens e desvantagens de cada tipo para a pesquisa em questão. Então, as perguntas podem ser de três tipos: abertas, onde os inquiridos têm a liberdade de responder com palavras próprias; escolha múltipla, onde os inquiridos optam por uma das alternativas apresentadas, ou por determinado número permitido de opções; e dicotómicas, onde são apresentadas ao inquirido duas opções de resposta, como por exemplo “sim/não”.

No caso em questão, optou-se por dois tipos de perguntas, escolha múltipla e dicotómicas, para uma menor possibilidade de indecisão das respostas, menor risco de imparcialidade do inquirido e por serem altamente objetivas. Para além disso, teve-se em conta a disponibilidade dos inquiridos, tendo em conta que um questionário “mais desenvolvido” iria levar mais tempo a responder, o que por sua vez iria causar algum tipo de aborrecimento por parte dos inquiridos.

#### **III.2.3.4. Entrevista**

Após uma análise quantitativa compreensiva, a análise qualitativa exige a verificação e o aprofundamento dos dados recolhidos sobre a teórica escolhida, logo, o modo de entrevista mais indicado será a entrevista semiestruturada – ou seja, “uma entrevista caracterizada pela exigência de um guião previamente traçado como eixo orientador no desenvolvimento da entrevista” (Brenner, 1985).

A análise qualitativa foi feita através de entrevistas compreensivas a três jornalistas da SIC, mas com funções diferentes: enviado especial, correspondente e jornalista de redação. As transcrições das entrevistas realizadas encontram-se nos Anexos 9, 10 e 11.

Segundo Weaver (2013, p.114) os inquiridos estão suscetíveis de serem “mais críticos às perguntas feitas e menos dispostos a escolher categorias de respostas”. Para tentar compensar, na entrevista foram escolhidas perguntas de resposta aberta para os entrevistados, de modo que as respostas fossem ainda mais esclarecedoras. Ainda segundo o autor, o questionário apresenta ainda outro ponto fraco, relacionado com o facto de este não ser capaz de oferecer aos inquiridos a possibilidade de “responder

muito bem a questões de «porquê» ou «como», porque a maior parte das perguntas forçam os inquiridos a escolher entre as categorias fixadas”.

Por isso, ao usarmos as entrevistas como um complemento nos métodos de análise, “estamos conscientes que não estamos a apreender ação direta, mas sim auto narrativas sobre experiências que nos permitem chegar à vida social indiretamente, através dos seus participantes” (Vicente, 2013, p.127).

O objetivo da entrevista é aprofundar específicos pontos, algo que não é possível com mais nenhum método. Foi então escolhida a entrevista semiestruturada, de forma a “minimizar a variação entre as questões postas ao entrevistado”, principalmente pelo facto de não ser uma entrevista presencial.

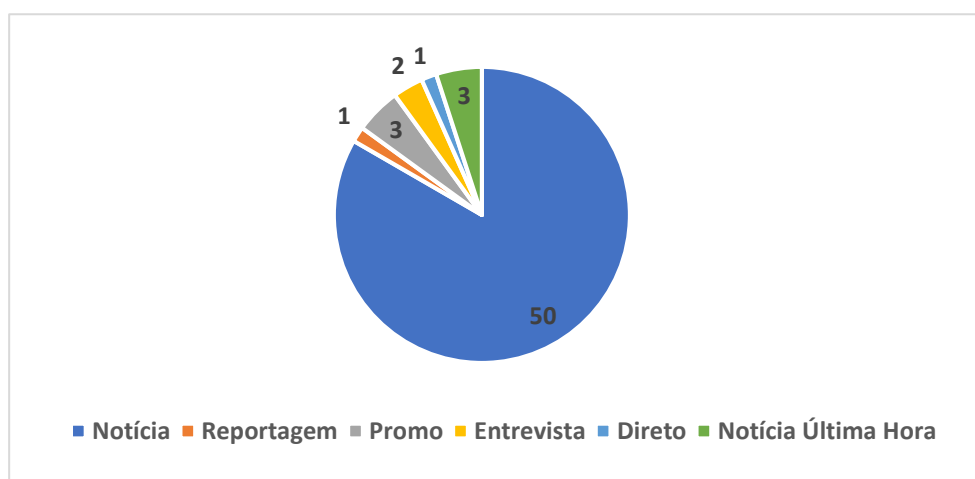
De forma a ver clarificados e aprofundados certos pontos que a observação direta e o questionário online não permitiram, foi então elaborado um guião com 5 perguntas – que foram enviadas por e-mail aos três jornalistas já referidos: Cândida Pinto, Henrique Cymerman e Aurélio Faria. A escolha destes profissionais foi feita tendo em conta as diferentes funções que cada um exerce, o que vai permitir uma melhor perceção da opinião de cada um e de como as coisas variam de acordo com a função de cada um. Considerou-se que estes três entrevistados seriam uma amostra suficiente e crucial para responder aos objetivos propostos.

## CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Finalmente, neste Capítulo IV é onde vai ser feita toda a análise e discussão dos resultados – da grelha, dos inquéritos online e das entrevistas. Recapitulando, o objetivo destas três técnicas de recolha de informação é perceber de que forma os conflitos internacionais são tratados no Jornal da Noite da SIC e qual o destaque que recebem.

### IV.1. Análise da Grelha de Alinhamento

#### IV.1.1. Género Jornalístico



**Gráfico 2** Distribuição por géneros jornalísticos

Analisando a Grelha de Análise (Anexo 1), construída com base na análise atenta e minuciosa dos alinhamentos do Jornal da Noite, desde o dia 1 até ao dia 31 de dezembro, foi possível concluir e retirar vários dados. Começamos pelos géneros jornalísticos.

Nesta investigação vamos lidar com cinco géneros jornalísticos: notícia, *promo* (breve destaque antecipado para uma notícia que irá para o ar dentro de minutos), entrevista, direto, notícia de última hora e reportagem.

Conforme consta no Gráfico 1, é facilmente perceptível que a maioria dos conteúdos produzidos são notícias, o tipo mais comum de peça jornalística que passa durante o Jornal da Noite. Num universo de 60 peças jornalísticas, houve então:

- 50 notícias
- 3 *Promos*
- 2 Entrevistas
- 1 Direto
- 1 reportagem

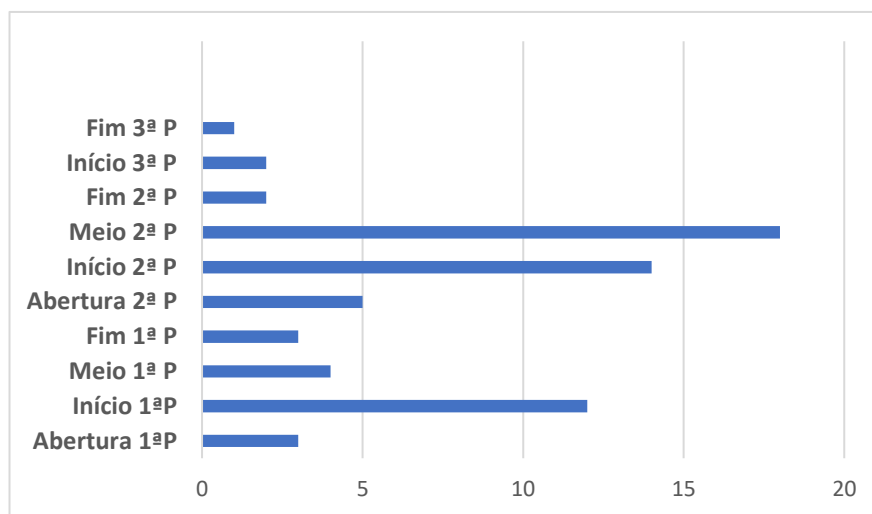
As três *Promos* (nos dias 11, 12 e 16) foram relacionadas com atentados e com uma atualização de informação. As duas primeiras disseram respeito a atentados nas cidades do Quênia e da Nigéria e a terceira a uma atualização sobre o estado da evacuação da cidade de Aleppo.

Por sua vez, as duas entrevistas foram realizadas no mesmo dia (20 de dezembro), a propósito do assassinato do Embaixador da Rússia, na cidade de Ancara, onde foi feita uma entrevista à jornalista Cândida Pinto, da secção de Internacional, enviada especial por várias vezes para climas de guerra e situações semelhantes. A segunda, com o comentador Miguel Sousa Tavares, teve que ver com o atentado em Berlim, onde um camião atropelou uma multidão.

O único direto feito durante o Jornal da Noite foi, também, no dia 20 de dezembro e também ele esteve relacionado com o assassinato do Embaixador da Rússia, em Ancara. Foi feito por José Pedro Tavares, correspondente da SIC em Ancara.

Por último, a única reportagem foi feita no dia 25 de dezembro, pelo correspondente da SIC, Henrique Cymerman, sobre o Natal na cidade de Belém, depois de vários episódios de terrorismo.

#### IV.1.2. Posição no Alinhamento



**Gráfico 3** Posição das peças no alinhamento

O segundo tópico de análise à Grelha de Alinhamento tem que ver com a posição das peças no alinhamento do Jornal da Noite. Por norma, o jornal é dividido em duas ou três partes, sendo normalmente na última parte onde as notícias de Internacional se encaixam.

Antes de passar para qualquer tipo de análise, importa esclarecer o método utilizado para fazer a separação das peças no alinhamento. Optei por separar da seguinte forma: abertura, início, meio e fim da 1ª/2ª ou 3ª parte. Sendo que a “abertura” corresponde à primeira peça a abrir a respetiva parte. O que me leva a crer que recebe uma maior importância do que as peças que se seguem. A partir da segunda peça, já assumo como início de determinada parte.

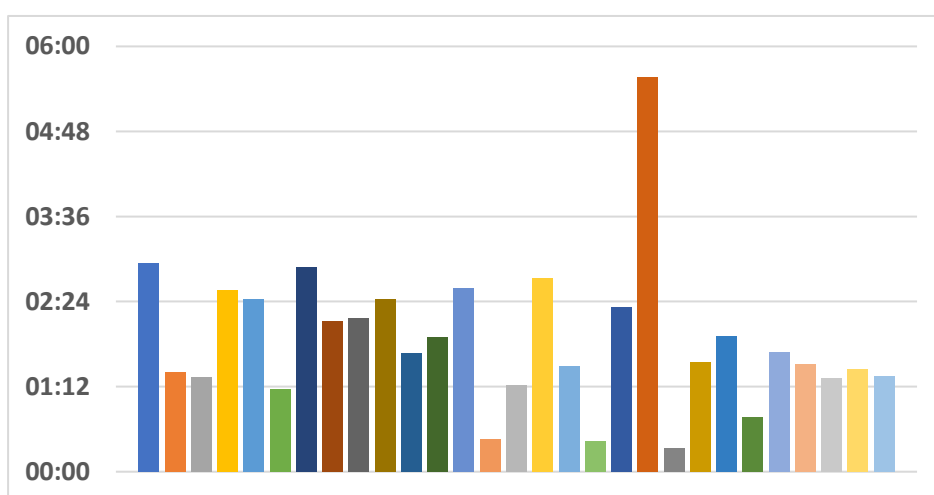
Então, conforme é visível no Gráfico 2, a maioria das notícias relacionadas com conflitos internacionais situam-se na segunda parte do jornal, nomeadamente no início ou no meio do alinhamento. Traduzindo isto para números, temos um total de 14 peças no início da segunda parte e um total de 18 a meio da segunda parte.

Ainda assim, não podemos deixar passar em branco a quantidade de peças que existem no início da primeira parte do jornal, contabilizando um total de 12.

Ao todo, temos um total de 8 peças jornalísticas que serviram de abertura – 3 a abrir a primeira parte e 5 a abrir a segunda parte do jornal. Destaque para os temas de abertura do jornal:

- 19 dezembro – Camião em Berlim atropela multidão (Notícia de Última Hora)
- 22 dezembro – *Daesh* reivindica ataque em Berlim
- 23 dezembro – Avião desviado em Malta por suspeitas de terrorismo

#### IV.1.3. Duração das Peças Jornalísticas



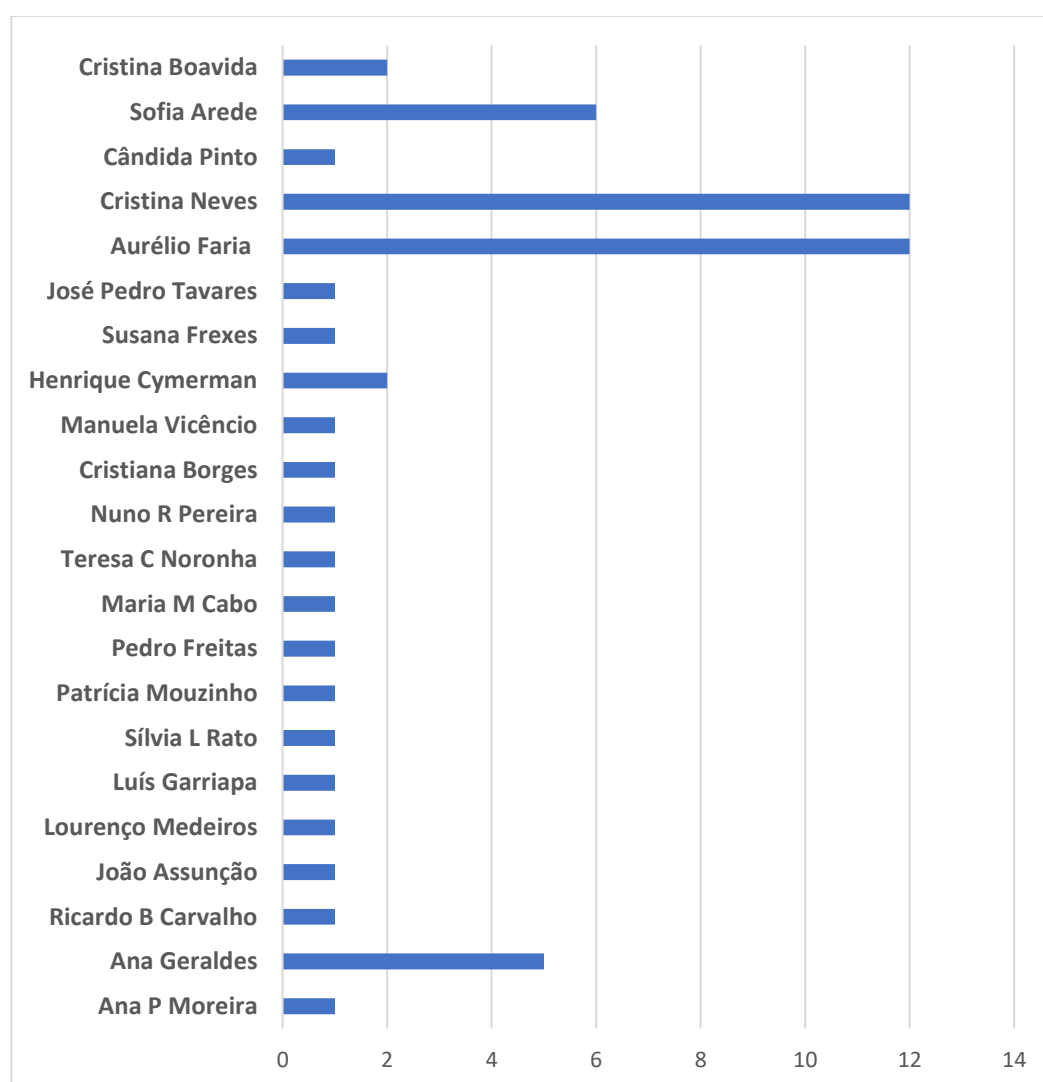
**Gráfico 4** Duração das peças jornalísticas

O terceiro tópico analisando é referente à duração de cada peça jornalística. Como se pode observar no gráfico, a duração das mesmas é semelhante. Foi calculada a média das durações o que fez um total de 01 minuto e 50 segundos. Tendo em conta os géneros jornalísticos analisados no primeiro tópico e que, em média, uma peça comum para o Jornal da Noite tem à volta de 2 minutos, podemos concluir que estas se encontram dentro da média.

Como se constata no gráfico, há uma que se destaca pela sua longa duração, que corresponde ao dia 25 de dezembro, à reportagem de 05:34 minutos, já referida anteriormente, realizada pelo correspondente em Israel, Henrique Cymerman, sobre o Natal em Belém.

#### IV.1.4. Jornalista – autor

Como referido anteriormente, a equipa de Internacional da SIC é constituída pelos seguintes jornalistas: Cândida Pinto, Aurélio Faria, Sofia Arede, Susana André, Cristina Neves e Cristina Boavida. Analisando a grelha do alinhamento, verifica-se a presença de nomes de outros jornalistas que não integram a editoria de Internacional.



**Gráfico 5** Jornalistas autores das peças

Olhando para o gráfico de barras, podemos ver que três dos jornalistas da editoria de Internacional: Sofia Arede, Aurélio Faria e Cristina Neves, foram aqueles que mais peças escreveram durante o mês de dezembro. Por sua vez, não houve nenhuma



peça da autoria da jornalista Susana André e apenas uma foi escrita pela jornalista Cândida Pinto.

A jornalista Ana Geraldes, pertencente à editoria de Economia, teve uma participação ativa durante o mês em análise, com um total de 5 peças escritas. Susana Frexes, José Pedro Tavares e Henrique Cymerman, correspondentes da SIC em Bruxelas, Ancara e Israel, respetivamente, escreveram 1 ou 2 peças.

No geral, num total de 60 peças, cerca de metade (31) foram escritas por jornalistas da equipa de Internacional, 4 por jornalistas correspondentes e 20 por jornalistas de outras editorias. Com base nestas informações, pode concluir-se que as notícias relativas a conflitos internacionais não são destinadas apenas à equipa de internacional, acabando por ser entregues a jornalistas de outras editorias.

#### **IV.1.5. Protagonista**

Neste ponto de análise o foco são os protagonistas de cada peça ou, por outras palavras, a base de cada notícia. De acordo com a Grelha de Análise não parece plausível afirmar que há algum tipo de padrão específico relativamente a este critério. Pelo contrário, conforme veremos no tópico à frente, parece-me que o protagonista de cada peça não depende da SIC, nem do jornalista, mas sim da informação que vem de fora, da agência de notícias que envia a informação.

Ao olharmos para a Grelha, podemos sim, arriscar e dizer que há um protagonista que aparece várias vezes, “as vítimas” ou os “habitantes” da região em questão. Parece-me que, na falta de dados e informações mais aprofundadas, os órgãos de comunicação social optam por dar um contacto direto com as vítimas das tragédias, de forma a criar um maior impacto no telespectador.

#### **IV.1.6. Fonte da Informação**

Nesta fase chegamos a um ponto que eu considero ser crucial nesta análise. Mais do que analisar se as peças duram muito ou pouco tempo, importa perceber qual o esforço que a SIC faz para obter uma informação. Que importância lhe atribui na hora

de a obter? Se apenas se limita a tratar a informação recebida pelas agências de comunicação ou se vai por si procurar informação em primeira mão.

Como vimos anteriormente, cada vez fica mais difícil a níveis financeiros para um órgão de comunicação social suportar um jornalista correspondente ou enviar alguém para um cenário de guerra. Segundo Vicente (2013, p.35) “um estudo recente da imprensa britânica, baseado na análise de conteúdos, descobriu que a cobertura noticiosa internacional caiu quase 40% entre 1979 e 2009”. Apesar disso, continuam a haver muitas agências de comunicação com elevados números de profissionais contratados. Segundo o autor, a agência *Reuters* tem 196 jornalistas em 131 países diferentes, a *Associated Press* marca presença em mais de 120 países e a *BBC* trabalha com 200 correspondentes diariamente e outros 400 esporadicamente.

Ainda segundo o autor, o custo em manter um jornalista no estrangeiro, durante um ano, é de cerca de 200 a 300 mil dólares ao órgão de comunicação. Mas, este valor, na maioria das vezes, não significa um lucro direto, pelo contrário. Dito isto, segundo Rodrigues (2008, p.49), manter um jornalista correspondente requer várias perguntas, como: “saber se o alto custo do noticiário internacional e sobretudo uma extensa rede de correspondentes é, de facto, equilibrado com a conquista de mais leitores ou ganhos publicitários”.

E aqui há duas alternativas: recorrer a agências de notícias, correndo o risco de ter uma informação igual à dos outros órgãos, ou manter o correspondente, conseguindo uma informação única que será tratada com o carimbo de cada órgão.

Posto isto, torna-se mais fácil de perceber, e encarar, porque as fontes das peças jornalísticas na Grelha de Análise são, na totalidade, internacionais. Porque provêm todas de agências de notícias internacionais. À exceção de uma, no dia 25 de dezembro, relativa ao Natal em Belém numa onda de terrorismo. Conduzida por Henrique Cymerman, diretamente de Israel, todo o conteúdo proveio do correspondente, que continua a ser dos poucos que a SIC ainda consegue manter.

## IV.2. Análise dos Questionários Online

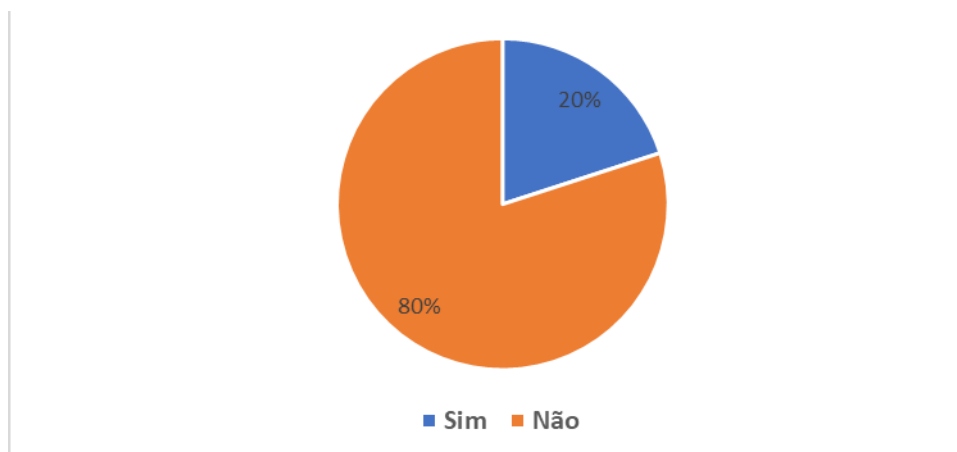
Foi elaborado um questionário (Anexo 7) com 6 perguntas, quatro delas de escolha múltipla e duas de resposta dicotómica (sim/não). Quanto ao universo de estudo, dos seis jornalistas (equipa de internacional) a quem foi enviado o questionário, apenas cinco responderam, o que me parece suficiente para uma clara conclusão dos dados. Foram, então, elaborados gráficos de acordo com as respostas dadas por cada inquirido.

### Os inquiridos

Os jornalistas inquiridos responderam de forma anónima ao questionário, no entanto, foram recolhidos dados relativos às suas idades, sexo, nível de escolaridade e anos de profissão.

Quanto às idades – 51, 54, 46, 45 e 44, obtemos uma média de 48 anos de idade. Relativamente ao sexo, 80% dos inquiridos são mulheres (quatro), sendo que apenas um deles é homem (20%). 60% dos inquiridos são licenciados (três) e 40% têm um mestrado (dois). Por último, quanto aos anos de experiência na área, um deles tem 20 anos de profissão, dois deles têm 23 anos, um deles tem 27 e, por fim, o último com 29 anos. Isto equivale a uma média de 24,4 anos de experiência profissional.

#### **1. Considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente?**



A primeira pergunta foi aquela que considerei como principal, visto ir diretamente ao encontro do tema principal deste trabalho. Ficou mais do que claro que a maioria dos jornalistas da editoria de Internacional considera que a SIC dá pouco destaque a conteúdo relacionado com conflitos internacionais, sendo que 80% acredita que o destaque é insuficiente, correspondendo a quatro dos cinco inquiridos. Apenas um inquirido considera que o destaque é suficiente.

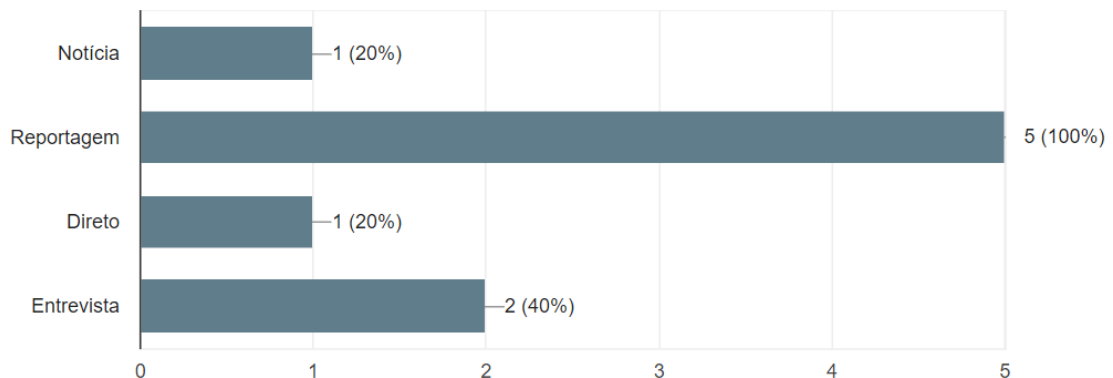
## 2. Considera que a cobertura dada às várias regiões do globo é equilibrada?



Esta é a pergunta que menos dúvidas suscita na hora de análise. Todos os inquiridos concordaram que a cobertura dada às várias regiões do globo não é equilibrada. Razão essa que poderá ser justificada pelo grau de proximidade geográfica a Portugal, de acordo com o que diz a jornalista Cândida Pinto na entrevista (mais à frente), “quando são conflitos que têm uma maior proximidade com o país, a cobertura é, por vezes, até exagerada. Mas, se forem conflitos que têm uma remota ligação com o país, a cobertura é completamente diminuta. Tem que ver com o grau de proximidade e com certos centralismos na forma de encarar a informação, do ponto de vista ocidental, que é uma coisa que acontece com uma certa generalidade no mundo ocidental. Há exceções, claro, mas há um certo centralismo”. Também de acordo com o que afirma o correspondente Henrique Cymerman, “eu acho que seria extremamente

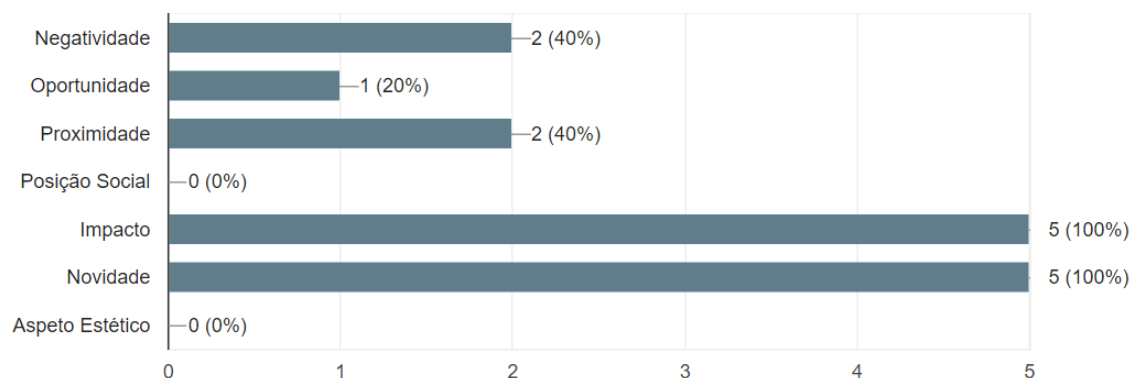
importante haver uma cobertura mais ampla em vários países desta região, sobretudo agora que estamos a viver uma autêntica explosão”.

**3. Na sua opinião, qual o género jornalístico que permite uma melhor compreensão do tema conflitos?**



Relativamente a esta pergunta, a ideia era que cada inquirido escolhesse cerca de dois, no máximo três das respostas que foram apresentadas. No entanto, um deles selecionou todas as opções. Não obstante, podemos concluir que o género jornalístico que a editoria de internacional considera que melhor permite compreender este tema em causa é a reportagem. Logo a seguir vem a entrevista a ser escolhida por dois dos inquiridos.

**4. Na sua opinião, quais os três valores-notícia mais importantes no momento de decidir o que é notícia internacional?**

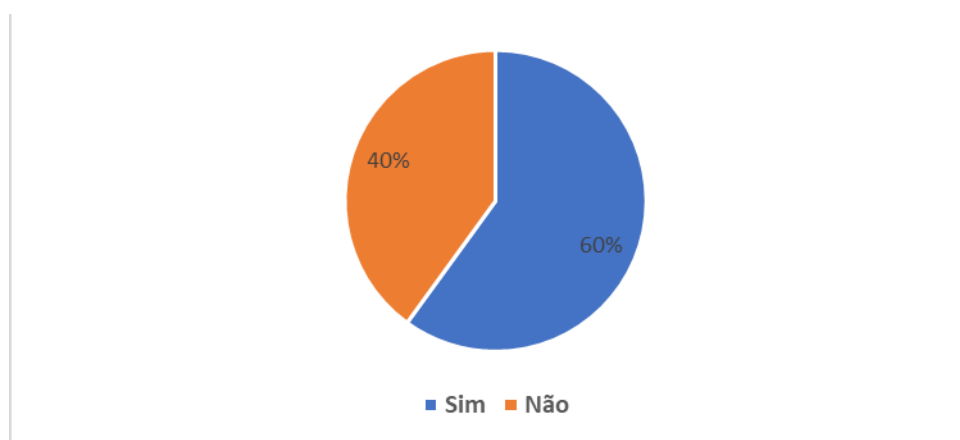


Quanto ao valor-notícia que os inquiridos consideram mais importante no momento de decisão de uma notícia de carácter internacional, o impacto e a novidade foram os mais escolhidos, obtendo cada um deles o “voto” de todos os inquiridos. A negatividade e a oportunidade também foram as duas segundas escolhas, deixando a oportunidade com apenas 20%.

Segundo Cymerman, na entrevista realizada, defende que uma notícia com impacto “acaba por ser aquela que tem um maior número de vítimas”, acrescentando que isso é um “critério errado” que é usado nos diferentes meios de comunicação.

Daqui, podemos concluir que os jornalistas consideram que uma notícia com mais impacto e que seja relativamente atual, mais failmente entre para o alinhamento.

**5. Considera que o papel das agências noticiosas (enquanto fonte de informação) é excessivo?**



Relativamente ao papel das agências de notícias enquanto fonte de informação, a maioria dos inquiridos (60%) considera que é excessivo, sendo que apenas 40% considera que não. À exceção de Cymerman que alega não ter conhecimento do uso que a SIC faz das agências de notícias, tanto Cândida como Aurélio Faria defendem que esse uso poderia se aproveitado de uma melhor forma, na media em que poderia haver um tratamento dos *feeds* provenientes das agências de notícias.

**6. Considera que a atual rede de correspondentes internacionais da SIC é suficiente?**



Por última, a pergunta final está relacionada com a rede de correspondentes internacionais da SIC que, segundo o gráfico, a editoria de Internacional considera ser insuficiente. Com base no que foi estudado anteriormente e, com base em diversos autores, um número reduzido de correspondentes tem que ver, na maioria das vezes, com a falta de possibilidades financeiras para os manter.

### **IV.3. Análise das Entrevistas**

Nesta parte do relatório serão analisadas as entrevistas realizadas aos três jornalistas da SIC, cada um deles com um ponto de vista e opinião diferentes sobre cada tema.

**1. Em que medida considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é insuficiente?**

Esta pergunta foi diferente para um jornalista – Cândida Pinto, pois, dos inquiridos através do questionário online, foi a única a considerar que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente. Também Henrique Cymerman, ainda que não tenha sido inquirido com o questionário online, considera esse destaque suficiente. Para esses dois jornalistas, o destaque é suficiente pois consideram que a SIC trata de uma forma exaustiva situações de conflito. Henrique Cymerman vai ainda mais longe e afirma

que esta cobertura feita pela SIC é “algo que não é assim noutros meios de comunicação, seja em Portugal, seja na Europa ou nos Estados Unidos”. No entanto, como ambos afirmaram, quando se trata de acontecimentos localizados no Médio Oriente, a situação muda de figura pois são locais com pouca proximidade ao nosso país. Por sua vez, Cândida afirma que “quando há qualquer situação de conflito, a cobertura é muito vasta, durante dias inteiros e, por vezes, durante semanas... depois quebra”.

Contrariamente, e em concordância com o resto da equipa de Internacional, Aurélio Faria considera que o destaque dado é insuficiente, na medida em que “sempre foi insuficiente. E tudo isso devido a razões estruturais: porque é caro, porque falta especialização de jornalistas, porque não há fator de proximidade e, claro, porque nenhum meio de comunicação social português aposta nas notícias internacionais”.

## **2. O que considera ser uma notícia internacional com impacto?**

Relativamente a esta pergunta, as respostas aproximaram-se, de certa forma. Todos concordaram que uma notícia com impacto é aquela onde há um elevado número de mortos, ou que “envolva guerra, catástrofes naturais ou humanas”, segundo Aurélio. Cymerman considera que “isso é um critério errado que nós usamos nos meios de comunicação em geral”, e que acaba por funcionar como “um termómetro para medir a importância das notícias, o que nem sempre é correto”. Para Cândida, uma notícia com impacto é aquela “que vai mudar algo na vida de um número grande de pessoas”.

## **3. Porque considera importante uma cobertura internacional mais abrangente?**

Também nesta pergunta houve um consenso. Todos os inquiridos consideraram que a cobertura dada pela SIC aos conflitos internacionais deveria ser mais abrangente e não se limitar apenas a determinadas zonas ou critérios. Para Aurélio, essa cobertura “é extremamente importante, na medida em que vivemos num mundo multipolar, interdependente e globalizado. Logo, não faz qualquer tipo de sentido estarmos fechados no nosso mundo”.

Cymerman defende o seu lado, o Médio Oriente, e acrescenta que “o que acontece deste lado do mundo cada vez tem mais impacto e eco em todo o mundo, sobretudo no mundo ocidental. Portanto, seria extremamente importante haver uma cobertura mais



ampla em vários países desta região, sobretudo agora que estamos a viver uma autêntica explosão”.

Cândida, fazendo referência aos acontecimentos que definiu como de grande impacto, defende que: “tirando esses momentos em que a cobertura é enorme, no dia-a-dia explora-se pouco o resto do mundo, e o que me diz a minha experiência, e que tem que ver com a cobertura de conflitos internacionais, é que não há uma rejeição da opinião pública a este tipo de informação”.

#### **4. O que considera que uma rede de correspondentes mais alargada proporcionaria à SIC?**

Cândida e Cymerman consideram que uma rede de correspondentes mais alargada só traria benefícios à SIC, ainda que reconheçam que, neste momento, não há meios económicos para tal. O correspondente da SIC em Israel acredita que “uma maior rede de correspondentes seria sinónimo de, obviamente, olhos em zonas importantes do mundo e, portanto, um melhor conhecimento, uma aproximação a todos estes temas que, atualmente, no mundo global, têm cada vez mais importância”.

Já Cândida, defende que um correspondente “tem todas as condições para propiciar uma informação mais detalhada e mais completa sobre o sitio onde está”.

Contrariamente, Aurélio considera que, neste momento, uma rede mais alargada de correspondentes não iria acrescentar nada à SIC, pois “acima de tudo, não há dinheiro. Na maioria das vezes, o papel do correspondente passa pela realização de diretos”. Uma opinião bastante diferente, mas que não deixa de ser interessante, obviamente.

#### **5. Na sua opinião, como poderia a SIC tirar um melhor proveito das agências noticiosas?**

Aurélio começa a responder a esta pergunta com uma frase bastante pertinente: “sem dúvida que o papel das agências de notícias é fundamental” e que faz parte da opinião dos restantes jornalistas. Mas, acrescenta que a SIC poderia tirar um melhor proveito das agências de notícias “se conseguisse uma melhor preparação da redação e uma verdadeira editoria Internacional”, pois “falta visão estratégica, sobretudo das

chefias intermédias em aproveitar *feeds* e informações das agências internacionais” e “as peças resultam frequentemente em mera transcrição de *feeds* sem valor acrescentado”.

Por sua vez, Cymerman não é capaz de dizer qual o tipo de proveito que a SIC faz das agências, pois não é um jornalista de redação, no entanto, não tem dúvidas que “são um meio extremamente importante, sobretudo em países nos quais não há correspondentes”. “Eu penso que elas são importantes, mas não são tudo”, diz.

Já Cândida acredita que a SIC “poderia tirar um melhor proveito explorando mais a informação que chega, e isso às vezes é possível, outras vezes não, e tem que ver, muitas vezes, com os constrangimentos de quantidade de pessoas na redação, com as prioridades estabelecidas, com a escala hierárquica de prioridades, etc.”.

## Observações Finais

Os seis meses que passei na SIC representaram, sem dúvida, uma oportunidade única de aprofundar os meus conhecimentos e perceber o funcionamento do mundo do jornalismo televisivo. Durante estes meses de contínua aprendizagem pude perceber a imensidão de “coisas” que existem por detrás que estamos habituados a ver. Aprendi a questionar as coisas, o porquê de elas acontecerem e se aconteciam da forma mais “correta”.

Estes meses conduziram-me a um caminho que me deu bastante gozo percorrer. Conduziram-me a um tema que sempre foi do meu interesse, mas que nunca me tinha deixado a pensar o que haveria por detrás dele. Foi então que me propus descobrir e perceber qual o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais durante o Jornal da Noite. E assim se formou o título deste meu relatório de estágio.

Após uma breve contextualização do Grupo e da SIC, pesquisei e estudei vários autores que me poderiam ajudar a perceber quais os melhores caminhos a seguir para conseguir chegar ao fim desta etapa sem dúvidas. Ao longo deste percurso, a minha ideia acerca desta importância editorial foi-se moldando e construindo.

Foram vários os métodos de análise utilizados, de forma a permitir um melhor tratamento dos dados e uma menor margem de erro. Com a grelha de alinhamento, pude perceber, a olho nu, como a presença deste tipo de temas era fraca durante o Jornal da Noite. No entanto, era ainda uma altura bastante precoce para estar a construir ideias e pressupostos. Foi, então, que recorri a dois métodos mais diretos: os questionários online, colocados a toda a equipa de Internacional da SIC, e as entrevistas, feitas a três jornalistas com funções diferentes, de maneira a perceber melhor cada ponto de vista: um jornalista de redação, um enviado especial e um correspondente internacional.

Posto isto, está mais do que claro que a Internet, e a sua revolução, mudaram de forma radical o mundo jornalístico, na medida em que tornaram obsoletas muitas técnicas e reduziram muitas funções e tarefas tradicionais. Hoje em dia, a informação circula à velocidade da luz e, por isso, os órgãos de comunicação tiveram de se adaptar, e render, a essas mudanças. Foi aí que se deu uma grande transformação no jornalismo, onde houve necessidade de fazer face à concorrência e, claro, à Internet.

Para conseguir perceber de que forma é feito esse destaque editorial, defini vários objetivos, inclusive uma pergunta de partida, que me iriam ajudar a perceber que importância têm os conflitos internacionais para a SIC. Após uma pesquisa exploratória, parti, então, para os questionários online.

A realização dos questionários permitiu-me perceber que a maioria dos jornalistas da editoria de Internacional concorda que o destaque dado pela SIC é insuficiente. E isso devido a “a razões estruturais: porque é caro, porque falta especialização de jornalistas, porque não há fator de proximidade”, de acordo com Aurélio Faria. Por sua vez, o correspondente em Israel, Henrique Cymerman, defende que, em comparação com outros meios de comunicação noutros países, “tanto a SIC como a SIC Notícias cobrem os conflitos internacionais de uma forma bastante profunda”, “algo que não é assim noutros meios de comunicação, seja em Portugal, seja na Europa ou nos Estados Unidos, onde há uma certa tendência em ir mais à notícia local e à notícia nacional e por vezes esquecer um pouco a notícia internacional”. No entanto, admite que, no Médio Oriente, o cenário segue uma “tendência contrária”.

Declarações essas que vêm ser apoiadas por Cândida Pinto, enquanto enviada especial, que alega que “quando há qualquer situação de conflito, a cobertura é muito vasta, durante dias inteiros e, por vezes, durante semanas... Mas depois quebra. Claro que, em países como o Afeganistão ou o Paquistão, a informação é muito mais diminuta”. Daqui, podemos concluir que os países do Médio Oriente, mais concretamente, onde tem havido um maior número de casos de terrorismo e guerra, acabam por sofrer devido ao “grau de proximidade” e a certos “centralismos”, segundo a jornalista.

No que diz respeito ao processo de produção de notícias de internacional, com base na grelha de alinhamento, conclui-se que estas acabam por ser escritas não só por jornalistas da editoria, mas também por jornalistas de editorias diferentes. Ainda neste processo de produção, somos conduzidos aos valores-notícias. Com base no questionário online, o “impacto” foi o valor-notícia escolhido como mais importante na hora de selecionar e produzir uma notícia de internacional. Isto vai ao encontro do estudo de Galtung e Ruge (1965) em que definem alguns valores-notícia segundo certos critérios de noticiabilidade, onde o “impacto” surge em primeiro lugar. “A notícia irá ter

mais impacto quanto maior for o número de pessoas envolvidas no conflito. O critério negatividade comove e atrai o público”, afirmam.

Também de acordo com Cymerman, uma notícia com impacto é aquela com um maior número de vítimas. “O critério do número de mortos é um dos mais usados, acabando por funcionar como um termómetro para medir a importância das notícias, o que nem sempre é correto”. Para Cândida Pinto, “uma notícia que tem impacto é uma notícia que vai mudar algo na vida de um número grande de pessoas”.

Como por exemplo uma notícia que “envolva guerra, catástrofes naturais ou humanas, crises em países com importância estratégica”, segundo Aurélio Faria. E essa declaração acaba por ser sustentada pelo estudo de Natali (2007), que considera quatro temas relevantes para um noticiário internacional: “guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas”.

Outro ponto bastante interessante neste estudo é o papel das agências de notícias – um tema abordado no questionário e nas entrevistas. Todos os jornalistas que responderam ao inquérito, e mesmo aqueles que foram entrevistados, partilham da opinião que estas desempenham um papel fundamental, sem dúvida. Aurélio Faria defende que “a SIC poderia tirar um melhor proveito delas se conseguisse uma melhor preparação da redação e uma verdadeira editoria Internacional”. Assim como Cymerman que afirma ser “fundamental haver pessoas que expliquem essas matérias que as agências enviam, que acabam por ser materiais de carácter mais informativo”. De acordo com Aguiar (2008) as agências de notícias fornecem a maior parte do material que é publicado pelos órgãos de comunicação social e, conseqüentemente, absorvido pela audiência.

Cândida vai ainda mais a fundo e afirma que a SIC poderia aproveitar melhor o que chega das agências, sendo que “isso às vezes é possível, outras vezes não, e tem que ver, muitas vezes, com os constrangimentos de quantidade de pessoas na redação, com as prioridades estabelecidas, com a escala hierárquica de prioridades. Ou seja, entre a política, o desporto, a sociedade, o internacional... a redação tem que responder a todas as áreas e o internacional, nem sempre, obviamente, está na área que requer e que consome mais recursos”.

O facto de a SIC se limitar a usar os *feeds* recebidos sem qualquer tipo de tratamento, mostra, por si só, que o canal não atribui muita importância a esses temas,

pois não se preocupa em torna-los mais pessoais e ricos a nível de conteúdo. Aurélio argumenta que “as peças resultam, frequentemente, em mera transcrição de *feeds* sem valor acrescentado”.

É certo que as agências de notícias vieram revolucionar o jornalismo e que representam um papel fulcral nesse meio, pois conseguem chegar onde muito não conseguem, devido ao elevado número de correspondentes colocados pelo mundo fora. No entanto, e com base em vários autores, o que se passa na SIC é semelhante ao que se passa no resto do mundo... são vários órgãos de comunicação social que fazem um uso abusivo das agências, acabando por prejudicar uma figura importante do jornalismo: o jornalista correspondente.

Ora, chegamos, então, a outro ponto fulcral da nossa investigação: a figura do jornalista correspondente. Todos os jornalistas concordam que uma rede mais alargada de repórteres a exercerem essas funções só iria trazer benefícios. No entanto, todos admitem que, neste momento, não há condições financeiras para tal. Conforme se constatou, os diferentes órgãos de informação têm vindo a limitar a vida do jornalismo internacional, na medida em que cortam com o tradicional desse mundo – correspondentes, e apostam mais nas novas tecnologias que, a ver deles, lhes oferece os mesmos resultados. Segundo David Westin, (cit. In. Sambrook, 2010), a tecnologia facilita muito mais o jornalismo internacional, de modo que deixa de ser necessário mandar pessoas para o terreno, evitando despesas extras.

Para além destes fatores, resta ainda um bastante importante – as audiências. Os meios de comunicação partem do pressuposto que notícias que envolvam países mais distantes geograficamente – como referiu a jornalista Cândida Pinto, não despertam interesse no telespectador, acabando por serem postos de parte. “Quando são conflitos que têm uma maior proximidade com o país, a cobertura às vezes é até exagerada, mas enquanto que se forem conflitos que têm uma remota ligação com o país, a cobertura é completamente diminuta”, afirmou Cândida. Daí a diferença entre um atentado em Berlim e um atentado na Síria, como se pode observar na grelha de alinhamento.

De forma a concluir, com este relatório de estágio foi possível perceber que o destaque dado aos conflitos é insuficiente pois, para além de receberem pouco tempo no alinhamento de Jornal da Noite, são colocados, regra geral, a meio do programa. O

facto de haver uma fraca rede de correspondentes também contribui para isso, caso contrário, certamente, haveria muito mais conteúdo internacional e personalizado, de acordo com o órgão de comunicação em causa.

## Referências Bibliográficas

- AAKER, ET AL (2001) “Marketing Research” (7th Ed.), New York: John Wiley & Sons, Inc
- AGNEZ, Luciane F. Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais
- AGUIAR, Pedro. (2008) Por uma história do jornalismo de agência. Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro
- ANGRIMANI, Danilo. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus
- BASTOS, H. (2007). “Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse”
- BECKER, L. B., & Vlad, T. (2009). News Organizations and Routines. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), The Handbook of Journalism Studies. New York: Routledge
- BORN, D. J. (1987). The Reporting of American Women Foreign Correspondents from the Vietnam War. Michigan State University
- BOYD-BARRETT, Oliver (editor). News agencies and the turbulent era of the Internet
- BRANDÃO, Nuno Goulart (2005), Prime Time. Do que Falam as Notícias dos Telejornais
- CHAKARS, J. (2009). International Journalism. In C. H. Sterling (Ed.), Encyclopedia of Journalism. Thousand Oaks: SAGE Publications
- CHEN, W. (1995). A Socio-Professional Portrait of the Washington, D.C. Foreign Correspondents. University of Missouri-Columbia
- correspondentes internacionais. Tese (Doutorado em Comunicação) Programa Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero”, in Foro Internacional no 152-153
- COELHO, Joana (2015) Jornalistas Correspondentes em Portugal: Um retrato socioeconómico dos jornalistas estrangeiros em Portugal. Relatório de estágio da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas



- COUCEIRO, R. (2008) Jornalismo e Cidadãos em Interação. Dissertação de Mestrado na Universidade do Minho de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, julho de 2014. Editorial Presença, 2000
- ERBOLATO, Mario (1991) Técnicas de decodificação em Jornalismo. São Paulo
- FENNEL, M. (2005). Women War Correspondents: Three Generations on the Frontlines or the Sidelines? A content analysis of the newspaper coverage written by leading American women correspondents in Vietnam, the Persian Gulf, and Iraq Wars. Carleton University, Ottawa
- GINNEKEN, J. v. (1998). Understanding Global News: A critical introduction. London: SAGE Publications
- GRIGGS, C. (1996) Beyond Boundaries: The Adventurous Life of Marguerite Harrison. The George Washington University
- HAFEZ, Kai (2007), The Myth of Media Globalization, Cambridge: Polity
- HAMILTON, J. M., & Cozma, R. (2009a). Foreign Correspondents, Electronic. In C. H. Sterling (Ed.), Encyclopedia of Journalism. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- HAMILTON, J., JENNER, E. (2004) "Redefining Foreign Correspondence." Journalism Theory, Practice and Criticism
- HANNERZ, U. (2007). Foreign Correspondents and the Varieties of Cosmopolitanism. Journal of Ethnic and Migration Studies, 33(2), 299-311
- HESS, S. (1996). International News & Foreign Correspondents. Washington, D.C.: The Brookings Institution
- HOHENBERG, John. A grande matéria: Washington, as Nações Unidas, o Mundo. Internacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1o semestre de Internet. Barcelona: Government of Catalonia, 2010.
- IYENGAR, S., & KINDER, D. R. (1987). News that matters: Television and American opinion. Chicago: University of Chicago Press.
- LOS MONTEROS, Guillermo Garcia Espinosa de. "Periodismo Internacional
- MATTELART, A. (2000). A globalização da comunicação. Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC
- MAXWELL, J. W. (1956). The Foreign Correspondents: A Social and Functional Analysis. State University of Iowa

- MODY, B. (2010). The Geopolitics of Representation in Foreign News: Explaining Darfur. Lanham: Lexington Books
- MOREIRA, T (2011) “o papel das agências noticiosas permanece invisível para o comum consumidor”
- MORRISON, D. E., & Tumber, H. (1985). The Foreign Correspondents: Date-line London. Media, Culture & Society, 7(4), 445-470
- NASCIMENTO, L. (2008). O ethos da empresa e a atividade do jornalista de uma agência de notícias
- NOSAKA, T. (1992). American Foreign Correspondents in Japan: Profile and Problems in Coverage. California State University, Fresno
- NOSAKA, T. (1992). American Foreign Correspondents in Japan: Profile and Problems in Coverage. California State University, Fresno
- PALMER, J., & FONTAN, V. (2007). 'Our ears and our eyes': Journalists and fixers in fixers in Iraq. Journalism, 8(1), 5-24
- PEDELTY, M. (1995). War Stories: The Culture of Foreign Correspondents. New York: Routledge
- QUEIRÓS, Eça de. (1967) Da Colaboração no Distrito de Évora I. Lisboa: Livros do Brasil
- RICHSTAD, Jim (1981). “Transnacional news agencies”, in “Crisis in International News – Policies and Prospects. Nova York: Columbia University Press
- RODRIGUES, Adriano. Dicionário Breve da Informação e da Comunicação. Lisboa
- SCHUDSON, Michael (1988), «Porque é que as Notícias são como são». In Traquina
- SERRÃO, Joel (1983). Temas de cultura portuguesa, Lisboa: Livros Horizonte
- SILVA, S. M. (2002). Contributo para uma história das agências noticiosas portuguesas
- STARCK, K., & Villanueva, E. (1992) Cultural Framing: Foreign correspondents and their work. Education resources information center
- STRALOW, A. (2007) “Análise Global de Processos Jornalísticos: uma proposta metodológica”
- TRAQUINA, Nelson (2002), Jornalismo, Lisboa: Quimera
- TRAQUINA, Nélson (2004). Teorias do jornalismo. vol. 1. Florianópolis: Insular

- UTLEY, G. (1997) “The Shrinking of Foreign News: From Broadcast to Narrowcast”, *Foreign Affairs*, 76 (2), 2–10
- UTLEY, G. (1997). *The Shrinking of Foreign News: From Broadcast to Narrowcast*. *Foreign Affairs*, 76(2), 2-10
- VICENTE, Nuno Paulo. *International News Reporting in the Multidimensional Network: The socio-demographics, professional culture and newswork of foreign correspondents working across Sub-Saharan Africa*. Tese de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2013
- WOLF, Mauro (1999), *Teorias da Comunicação*, 5ªEd, Lisboa: Editorial Presença
- WOLF, Mauro (2003), *Teorias da Comunicação*, Lisboa: Editorial Presença
- WOLTON, Dominique (1999), *Pensar a Comunicação*, Lisboa: Difel

### **Outras Consultas**

- Dicionário das Relações Internacionais, <https://politica210.files.wordpress.com/2015/05/dicionario-das-relac3a7oes-internacionais.pdf>
- Jornalismo de Guerra, <https://books.google.pt/books?id=2UPV8sNTtQcC&pg=PA5&lpg=PA5&dq=jornalismo+de+guerra&source=bl&ots=HlwL1uqrS0&sig=vtkhVWBTbDrilKcRmcKvXS1Jr5M&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjWkbz7zuHTAhWLmBoKHaWXAzU4ChDoAQghMAA#v=onepage&q&f=true>
- Wars in The World, <http://www.warsintheworld.com/?page=static1258254223>
- Committee to Protect Journalists, <https://cpj.org/killed/2017/>
- <https://rsf.org/pt/barometro?year=2017>

## Anexos

### Anexo 1 – Grelha do alinhamento do Jornal da Noite, de 1 a 31 de dezembro

Data	Nome	Nº Peça	Posição Alinhamento	Duração	Género Jornalístico	Jornalista	Protagonista	Fonte de Informação	Tema/Ângulo
1 dezembro	Últimas Aleppo	13	Abertura Segunda Parte	1:46	Peça	Aurélio Faria	Porta-voz Centro Russo para a Reconciliação Síria / Conselheiro da ONU enviado para a Síria	Internacional	Rússia propõe enviar ajuda para Aleppo
	Tiroteios EUA	14	Início Segunda Parte	2:21	Peça	Ana P Moreira	Testemunhas e representante policial	Internacional	Polícia e várias pessoas assassinadas em tiroteio
2 dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
3 dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
4 dezembro	Tiroteio Finlândia	23	Fim Última Parte	1:10	Peça	Ana Geraldês	Polícia	Internacional	Mulheres assassinadas a tiro
5 dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
6 dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
7 dezembro	Avião Paquistão	25	Fim Segunda Parte	0:58	Peça	Ricardo B d Carvalho	Testemunhas	Internacional	Avião despenha-se por motivo desconhecido

8 dezembro	---	---	---	---	---	---	---	---	---
9 dezembro	Alepo Últimas	17	Meio Segunda Parte	1:46	Peça	Cristina Neves	Pessoas que tentavam fugir da cidade	Internacional	Bombardeamentos em Alepo
10 dezembro	Bomba Istambul Off	17	Meio Segunda Parte	2:30	Notícia Curta	Ana Geraldês	---	Internacional	Explosões em Istambul
	Últimas Alepo	18	Meio Segunda Parte	2:11	Peça	João Assunção	Milhares de vítimas	Internacional	ISIS entra de novo em Palmira / Alepo continua a ser bombardeado
11 dezembro	PROMO Nigéria e Quênia	12	Início Segunda Parte	0:16	Promo	---	---	---	---
	Atentados Turquia JN	13	Início Segunda Parte	2:57	Peça	Lourenço Medeiros	Presidente Turquia	Internacional	Grupo reivindica atentados na Turquia
	Atentado Cairo JN	14	Início Segunda Parte	1:40	Peça	Luís Garriapa	Testemunhas	Internacional	Explosão junto a catedral
	Mortes Quênia e Nigéria	15	Início Segunda Parte	2:14	Peça	Sílvia L Rato	Polícia e Governador	Internacional	Atentado num mercado
12 dezembro	Promo Escada Istambul	21	Início Segunda Parte	0:21	Promo	---	---	---	---
	Alepo Últimas	29	Meio Segunda Parte	1:33	Peça	Cristina Neves	Sem protagonistas	Internacional	Atualização sobre a evacuação da cidade
	Istambul Atentados Off	30	Meio Segunda Parte	0:36	Notícia Curta	Cristina Neves	---	Internacional	235 pessoas detidas suspeitas de terrorismo
13 dezembro	ONU Guterres e Síria	25	Meio Segunda Parte	3:03	Peça	Cândida Pinto	António Guterres	Reportagem SIC	Eleição de Guterres para Secretário Geral

	Alepo Últimas	26	Meio Segunda Parte	3:00	Peça	Cristina Neves	ONU / UNICEF	Internacional	Crianças encurraladas em edifício
14 dezembro	Alepo Queda	24	Início Terceira Parte	2:27	Peça	Cristina Neves	Presidente da Síria / Residentes Aleppo	Internacional	Combates na cidade foram retomados
	Alepo Protestos Mundo	25	Início Terceira Parte	2:21	Peça	Aurélio Faria	Embaixador da Síria e dos EUA	Internacional	EUA acusam Rússia e Irão de bloquearem cessar fogo
15 dezembro	Alepo Últimas	25	Meio Segunda Parte	2:05	Peça	Aurélio Faria	Presidente da Síria	Internacional	Evacuação de Aleppo
	Conselho Europeu	26	Meio Segunda Parte	2:11	Peça	Susana Frexes	Representantes Europeus	Internacional	Necessidade de atuar em Aleppo
16 dezembro	Promo Aleppo	11	Fim Primeira Parte	0:25	Promo	---	---	---	---
	Miúdo Suicida Alemanha	24	Meio Segunda Parte	1:33	Peça	Aurélio faria	Representantes Alemães	Internacional	Rapaz suicida-se suspeitas de terrorismo
	Últimas Aleppo	25	Meio Segunda Parte	2:49	Peça	Aurélio Faria	Presidente Rússia / Vítimas	Internacional	Suspensa evacuação Aleppo
17 dezembro	Alepo Sábado JN	28	Meio Segunda Parte	2:54	Peça	Aurélio Faria	Habitantes de Aleppo	Internacional	Suspensa evacuação Aleppo
	Atentado Turquia	29	Meio Segunda Parte	0:58	Peça	Patrícia Mouzinho	Vítimas do ataque	Internacional	Atentado a autocarro militar
18 dezembro	Ataque Jordânia	7	Meio Primeira Parte	1:00	Peça	Ana Geraldês	Vítimas do ataque	Internacional	Grupo armado faz 9 mortos
	Alepo Domingo	8	Fim Primeira Parte	2:25	Peça	Aurélio Faria	Habitantes de Aleppo	Internacional	Atualização sobre evacuação da cidade

19 dezembro	TH Camião Mercado Berlim Natal	1	Abertura Primeira Parte	2:20	Notícia de Última Hora	Sem informação	Vítimas do ataque	Internacional	Camião atropela pessoas em mercado
20 dezembro	Ataque Embaixador Russo Ancara	2	Início Primeira Parte	2:12	Peça	Sofia Arede	Presidente Rússia	Internacional	Assassinato Embaixador Russo
	Direto Ancara Skype	3	Início Primeira Parte	---	Direto	José Pedro Tavares (correspondente em Ancara)	Jornalista	Internacional	Assassinato Embaixador Russo
	Entrevista Cândida Pinto	4	Início Primeira Parte	---	Entrevista	---	Cândida Pinto (jornalista da secção de internacional)	---	Assassinato Embaixador Russo
	Última Hora 1	5	Início Primeira Parte	3:40	Notícia Curta	Sem Informação	---	Internacional	Polícia confirma atentado em Berlim
	Última Hora 2	12	Fim Primeira Parte	0:55	Notícia Última Hora	Sem Informação	---	Internacional	Atentado em Berlim
	Última Hora 3	15	Abertura Segunda Parte	0:30	Notícia Última Hora	Sem Informação	---	Internacional	Atualização de Informação Atentado
	MST Atentado Berlim	16	Início Segunda Parte	---	Entrevista	---	Miguel Sousa Tavares	---	Atualização de Informação Atentado
21 dezembro	Últimas Berlim	8	Meio Primeira Parte	2:56	Peça	Cristina Neves	Representantes Alemanha	Internacional	Medidas de Reforço Segurança
	Últimas Turquia	9	Meio Primeira Parte	1:24	Peça	Cristina Neves	---	Internacional	Atualizações Informação
	Últimas Síria	10	Meio Primeira Parte	1:20	Peça	Cristina Neves	Habitantes Alepo	Internacional	Evacuação retomada
22 dezembro	Berlim Day After 1	1	Abertura Primeira Parte	2:34	Peça	Cristina Neves	Polícia Berlim / Chanceler	Internacional	Daesh reivindica ataque

							Alemã / Presidente Alemanha		
	Berlim Suspeitos Ataque 1	2	Início Primeira Parte	2:26	Peça	Sofia Arede	Procurador Federal Alemã	Internacional	Responsável em fuga
	Berlim Camião Trajeto	3	Início Primeira Parte	1:10	Peça	Sofia Arede	---	Internacional	Autoridades acreditam que ataque foi deliberado
	Berlim Reforço Segurança Mundo	4	Início Primeira Parte	2:53	Peça	Pedro Freitas	Presidente França	Internacional	Europa em alerta
	Berlim Reax Mundo	5	Início Primeira Parte	2:07	Peça	Cristina Neves	PM Israel / Presidente França / Ministro NE Britânico	Internacional	Reações pelo mundo
	Atentados Berlim Filme 1	6	Início Primeira Parte	2:10	Peça	Maria M Cabo	Testemunhas	Internacional	Testemunhos
	Ancara Day After 1	7	Início Primeira Parte	2:26	Peça	Cristina Boavida	---	Internacional	Atualizações atentado
	Atentado Zurique	8	Início Primeira Parte	1:40	Peça	Teresa C Noronha	---	Internacional	Encontrado morto suspeito atentado
23 dezembro	Desvio Avião	1	Abertura Primeira Parte	1:54	Peça	Nuno R pereira	Primeiro Ministro Malta	Internacional	Suspeitos exigiam criação de partido pró-kadhafi
	Investigações Berlim	2	Início Primeira Parte	2:35	Peça	Cristina Neves	Chanceler Alemã	Internacional	Suspeito atentado abatido



24 dezembro	EUA Alertas Off	13	Abertura Segunda Parte	0:28	Notícia Curta	Cristiana Borges	Serviços Secretos Norte Americanos	Internacional	Alerta terrorismo pelo mundo
	Alerta Europa	14	Início Segunda Parte	1:13	Peça	Sofia Arede	Autoridades francesas	Internacional	Reforço Segurança Mundo
	Natal Israel JN	15	Início Segunda Parte	2:44	Peça	Henrique Cymerman (correspondente Israel)	Henrique Cymerman	Correspondente SIC	Natal apesar do terrorismo
	Natal Iraque	16	Início Segunda Parte	1:29	Peça	Cristina Boavida	Habitantes Iraquianos	Internacional	Vila outrora dominada pelo Daesh celebra natal em paz
25 dezembro	Cidade alemã evacuada off	11	Abertura Segunda Parte	0:26	Notícia Curta	Manuela Vicêncio	---	Internacional	Cidade evacuada por alerta de bomba
	Natal Mundo	12	Início Segunda Parte	2:19	Peça	Sofia Arede	Pessoas árabes	Internacional	Natal Médio Oriente
	FC Cymerman	13	Início Segunda Parte	05:34	Reportagem	Henrique Cymerman	Correspondente / Habitantes Belém	Internacional / Correspondente SIC	Natal em Belém, apesar de terrorismo
26 dezembro	Rússia Ameaças Off	12	Abertura Segunda Parte	0:20	Notícia Curta	Cristina Neves	---	Internacional	Ameaça de bomba Rússia
27 dezembro	Síria Últimas	18	Início Segunda Parte	1:33	Peça	Sofia Arede	Representantes russos	Internacional	Rússia condenada EUA por fornecerem armas aos rebeldes sírios
28 dezembro	Cessar Fogo Rússia Turquia	26	Meio Segunda Parte	1:55	Peça	Aurélio Faria	Presidente Turquia	Internacional	Rússia e turquia anunciam cessar fogo

	Detido Terrorismo França	27	Meio Segunda Parte	0:46	Notícia Curta	Ana Geraldês	---	Internacional	Detido terrorista França
29 dezembro	Cessar Fogo Síria	21	Início Segunda Parte	1:41	Peça	Aurélio Faria	Presidente Rússia	Internacional	Rússia e turquia anunciam oficialmente cessar fogo
	Kerry Israel	23	Meio Segunda Parte	1:31	Peça	Aurélio Faria	Primeiro ministro Israel	Internacional	Tensão Israel / EUA
30 dezembro	Segurança Reino Unido	25	Meio Segunda Parte	1:19	Peça	Ana Geraldês	Polícia metropolitana	Internacional	Elevado Nível de Alerta Terrorista
31 dezembro	Iraque Dia Jn	18	Meio Segunda Parte	1:27	Peça	Aurélio Faria	Daesh	Internacional	Daesh reivindica ataques em Badgade
	Síria Jn	19	Fim Segunda Parte	1:21	Peça	Aurélio Faria	Representantes russos	Internacional	Tréguas em cessar fogo

## **Anexo 2 – Primeiro Off (Edição do Meio Dia) - Analgésico de algas**

Uma empresa portuguesa está a desenvolver um novo medicamento para a dor crónica, a partir de organismos marinhos recolhidos no mar de Sagres. Um novo medicamento analgésico está a ser desenvolvido pela empresa de biotecnologia Sea4Us. Pedro Lima, responsável pela investigação, diz ser a primeira vez que se encontra uma solução para a dor crónica no mar. O analgésico desenvolvido a partir de organismos recolhidos no mar de Sagres, no Algarve, está em fase de investigação há 6 anos, numa parceria com a Universidade Nova de Lisboa. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a dor crónica afeta cerca de 30% da população mundial. Até agora, ainda não existe qualquer tratamento eficaz sem efeitos secundários significativos nos doentes. Serão necessários cerca de 12 anos até o fármaco ser colocado no mercado.

## **Anexo 3 – Primeira Peça (Edição do Meio Dia) - Casamento de menores no Paquistão**

No último dia de 2016, mostramos agora uma tradição que mais parece da Idade Média que do Século 21. Em várias regiões do Paquistão, o casamento entre crianças é ainda um comum. Milhares de meninas são obrigadas a casar, para resolver problemas entre famílias.

Mohammad Ramzan tem 36 anos. É surdo mudo e tem uma deficiência mental. Porém, mesmo sem ver, sabe que a noiva que lhe foi destinada é bastante jovem. O pai de Saima mentiu quanto à idade da filha, os 14 anos afinal eram 13. Mas para o progenitor, o importante era que a menina tivesse chegado à puberdade.

Saima foi a moeda de troca entre duas famílias: casaria com Mohammad, e a irmã do noivo casaria com o seu pai, tornando-se a segunda esposa e madrastra de Saima. Tudo isto porque a mãe da menina apenas teve filhas e o pai espera que este segundo casamento lhe traga um rapaz.

No Paquistão, a idade mínima legal para casar é aos 16, no entanto, raramente as famílias respeitam essa lei.

Há uns tempos foi feita uma queixa contra o casamento ilegal de Saima, talvez por um parente envolvido numa disputa com o seu pai. Tanto o noivo como o pai de Saima foram presos, no entanto, a menina terá testemunhado que tinha 16 anos, numa tentativa de proteger os dois. Estes acabaram por sair em liberdade.

A mãe de Saima diz não se importar de casar as filhas em idade tão precoce. Depois de atingirem a puberdade são obrigadas a ajudar nas tarefas domésticas e proibidas de ir à escola.

Ramzan diz que tem medo que Saima o deixe. E garante que Deus ficará infeliz se isso acontecer. A comunicação entre os dois não é fácil. Ele faz gestos que nem sempre são fáceis de perceber e é Haseena, com 12 anos, que ajuda na maioria das traduções. A irmã mais nova de Saima, com 7 anos, já está prometida a um primo, com 10. Casar-se-ão quando a menina atingir a puberdade.

#### **Anexo 4 – Peça para o Primeiro Jornal - Hotel com insetos**

No Intendente foi inaugurado um hotel, reconstruído num edifício histórico que ganhou um prémio de arquitetura em 1908. Vários artistas portugueses contribuíram com peças de arte para o novo espaço de uma das zonas mais boémias de Lisboa.

É em Lisboa, no largo do intendente que encontramos o hotel 1908. Construído há mais de um século, foi idealizado pelo arquiteto Adães Bermudes, e distinguido, um ano depois, com o Prémio Valmor pelas suas fachadas naturalistas.

Uma das poucas referências à arte nova em Portugal, o edifício tem fachadas que representam cada um dos quatro elementos, o ar, a água, a terra e o fogo, entre esculturas e painéis de azulejos. No interior, o ambiente industrial não passa despercebido.

A enorme libelinha de ferro ou o homem-aranha suspenso no vão de escadas, são muitas das obras de jovens artistas plásticos. Todos portugueses. E neste hotel, o elevador não serve só para subir ou descer de piso.

Através do vidro, conseguem ver-se pinturas nas paredes Uma referência aos inquilinos mais antigos, a Lotaria Boa Sorte e a Casa de Gouveia. Os hóspedes têm ainda direito a um roteiro com as zonas mais tradicionais de Lisboa, em especial na zona envolvente.

#### **Anexo 5 – Peça para o Primeiro Jornal - Hotel com insetos**

Há uma nova aplicação para telemóvel que une desconhecidos através da comida. Coloca em contacto pessoas interessadas em partilhar uma refeição. Chama-se Food Friends já tem mais de 6.000 membros em Portugal.

Já pensou numa rede social que o faça sair de casa

para conhecer pessoas e restaurantes? A Food Friends é uma aplicação para o telemóvel que permite conversar com outras pessoas e combinar refeições de acordo com os gostos em comum.

A ideia é ligar utilizadores com os mesmos interesses. trocar opiniões sobre os melhores restaurantes e combinar um almoço ou um jantar.

Para já, a plataforma tem parcerias com mais de 30 restaurantes em Lisboa e no Porto, de todos os estilos de cozinha do mundo, incluindo a mediterrânica.

Mas desengane-se se pensa que esta é uma aplicação para marcar encontros... O objetivo é juntar à mesa grupos de várias pessoas.

A aplicação não tem limite de idade e é possível pesquisar por utilizadores segundo certos padrões.

A partir de agora já não há desculpa para almoçar ou jantar sem companhia.

#### **Anexo 6 – Peça para o Primeiro Jornal – Campo Cacém**

Foi inaugurado no Cacém o maior complexo desportivo coberto do país. Um novo conceito que reúne campos de futebol e paddel, matraquilhos e ping pong, e ainda uma zona de bar.

Não é só de desporto, não é só lazer. O Urban Fut 5 junta o melhor dos dois mundos. Para aumentar o número de golos, as balizas são maiores e bola está sempre em jogo. Steven é filho de pai português, e viveu sempre em França. decidiu agora trazer para Portugal este conceito muito usado noutros países.

A ideia é juntar os amigos para praticar desporto. Não Faltam opções... Dois campos de futebol, dois de paddel, matraquilhos e ping pong... o difícil mesmo vai ser escolher.

Também há soluções para os desportistas de sofá. Existe uma zona de estar criada a pensar no convívio. Na primeira semana o aluguer dos campos foi gratuito, Steven garante que a adesão superou as expectativas. O aluguer de um campo pode chegar 5 euros por pessoa. O conceito parece estar a resultar... as próximas semanas já estão praticamente preenchidas.

## **Anexo 7 – Guião Questionário Online**

**1. Considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente?**

☐ Sim

☐ Não

**2. Considera que a cobertura dada às várias regiões do globo é equilibrada?**

☐ Sim

☐ Não

**3. Na sua opinião, qual o género jornalístico que permite uma melhor compreensão do tema conflitos?**

☐ Notícia

☐ Reportagem

☐ Direto

☐ Entrevista

**4. Na sua opinião, quais os três valores-notícia mais importantes no momento de decidir o que é notícia internacional?**

☐ Negatividade

☐ Oportunidade

☐ Proximidade

☐ Posição Social

☐ Impacto

☐ Novidade

☐ Aspeto Estético

**5. Considera que o papel das agências noticiosas (enquanto fonte de informação) é excessivo?**

☐ Sim

☐ Não

**6. Considera que a atual rede de correspondentes internacionais da SIC é suficiente?**

☐ Sim

☐ Não

**Anexo 8 – Guião Entrevistas**

1. Em que medida considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente/insuficiente?
2. O que considera ser uma notícia internacional com impacto?
3. Porque considera importante uma cobertura internacional mais abrangente?
4. O que considera que uma rede de correspondentes mais alargada proporcionaria à SIC?
5. Na sua opinião, como poderia a SIC tirar um melhor proveito das agências noticiosas?

**Anexo 9 – Entrevista com Aurélio Faria**

1. **Em que medida considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente?**

A cobertura de conflitos internacionais na SIC sempre foi insuficiente. E tudo isso devido a razões estruturais: porque é caro, porque falta especialização de jornalistas, porque não há fator de proximidade e, claro, porque nenhum meio de comunicação social português aposta nas notícias internacionais, em conteúdos internacionais. Obviamente que a SIC não é exceção.

2. **O que considera ser uma notícia internacional com impacto?**

Sem dúvida que, nos dias que correm, uma notícia com impacto é aquela que envolva guerra, catástrofes naturais ou humanas (ex: terramoto no Nepal, tsunami na Ásia, morte de personalidades), crises em países com importância estratégica (ex: Venezuela).

**3. Porque considera importante uma cobertura internacional mais abrangente?**

Na minha opinião, uma cobertura internacional mais ampla e abrangente é extremamente importante, na medida em que vivemos num mundo multipolar, interdependente e globalizado. Logo, não faz qualquer tipo de sentido estarmos fechados no nosso mundo.

**4. O que considera que uma rede de correspondentes mais alargada proporcionaria à SIC?**

Neste momento, nada! Acima de tudo, não há dinheiro. Na maioria das vezes, o papel do correspondente passa pela realização de diretos.

**5. Na sua opinião, como poderia a SIC tirar um melhor proveito das agências noticiosas?**

Sem dúvida que o papel das agências de notícias é fundamental. Mas, a SIC poderia tirar um melhor proveito delas se conseguisse uma melhor preparação da redação e uma verdadeira editoria Internacional. A meu ver, falta visão estratégica, sobretudo das chefias intermédias em aproveitar *feeds* e informações das agências internacionais. Há falta generalizada de conhecimento, tanto dos jornalistas mais velhos como dos estagiários em situação de precaridade laboral; as peças resultam frequentemente em mera transcrição de *feeds* sem valor acrescentado.

**Anexo 10 – Entrevista com Henrique Cymerman**

**1. Em que medida considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente?**

Na minha opinião, tanto a SIC como a SIC Notícias cobrem os conflitos internacionais de uma forma bastante profunda. Acompanho essa cobertura desde que a SIC existe. Algo que não é assim noutros meios de comunicação, seja em Portugal, seja na Europa ou nos Estados Unidos, onde há uma certa tendência em ir mais à notícia local e à notícia nacional e por vezes esquecer um pouco a notícia internacional. É verdade que, no caso concreto do Médio Oriente, a tendência é contrária. Nos últimos anos houve um aumento do conteúdo relacionado com o Médio Oriente, algo que, antes disso, não existia. E de há uma década para cá, estão presentes e



existem muitos correspondentes no Médio Oriente, ou seja, há diferentes tendências. Mas, não tenho dúvida que a SIC faz uma cobertura extremamente intensiva e profunda dos assuntos internacionais. No Jornal da Noite, há uma luta contínua por audiências e rating, acabando por haver temas que são sacrificados ou reduzidos devido a essa luta e a uma espécie de crença que leva a crer que os conflitos internacionais fazem descer as audiências. E o Jornal da Noite, evidentemente, vai por épocas. Houve épocas em que realmente havia uma cobertura mais exaustiva do que acontecia, e eu acredito que, quando há notícias verdadeiramente significativas e importantes, acabarem por dar-se todas elas, talvez com um tempo mais reduzido, provavelmente. Mas, comparando a SIC e outros meios de comunicação da Europa, no geral, eu acho que a SIC faz uma cobertura extremamente correta do Médio Oriente.

## **2. O que considera ser uma notícia internacional com impacto?**

Infelizmente, no mundo do jornalismo, uma notícia com impacto acaba por ser aquela que tem um maior número de vítimas. E eu acho que isso é um critério errado que nós usamos nos meios de comunicação em geral. Já ouvi, no passado, coisas como “houve só dois mortos” ou “só três mortos”, acabando por ser algo que não tem muito interesse ou que se faz em um minuto ou um minuto e meio. Por isso, eu acho que o critério do número de mortos é um dos mais usados, acabando por funcionar como um termómetro para medir a importância das notícias, o que nem sempre é correto. Por vezes há notícias com um número de mortos relativamente baixo, mas que supõem um *game changer*, digamos que, no fundo, para a política do Médio Oriente.

## **3. Porque considera importante uma cobertura internacional mais abrangente?**

Sem dúvida que uma cobertura mais abrangente é fundamental. Eu creio que as prioridades da política internacional estão claras hoje em dia, e o Médio Oriente é, provavelmente, uma das grandes chaves. O que acontece deste lado do mundo cada vez tem mais impacto e eco em todo o mundo, sobretudo no mundo ocidental. Portanto, eu acho que seria extremamente importante haver uma cobertura mais ampla em vários países desta região, sobretudo agora que estamos a viver uma

autêntica explosão. O Médio Oriente mudou totalmente nos últimos seis anos, houve cinco países que “desapareceram” e que existiam até 2011: Síria, Iraque, Iémen, Líbia e Somália. Isto é uma autêntica revolução que eu acho necessário cobrir, esta enorme zona de desastre no Médio Oriente, que fez 800 mil mortos nos últimos seis anos e, sobretudo, com este fenómeno do Daesh nos últimos três anos, que provocou a criação da maior coligação internacional da história da humanidade: 70 países que se unem para tentar derrubar este movimento, considerado um grande perigo para o mundo livre. Portanto, tudo isto indica que seria necessário fazer uma maior cobertura, sobretudo nestes países... especialmente na Líbia e em Marrocos, onde há uma espécie de onda de emigrantes, tanto do Médio Oriente como da África, que tentam entrar na Europa. E isto vai alterar o futuro da Europa, vai acabar por ter uma grande influência sobre o continente. É isso que eu acho que ainda não se entendeu o suficiente, tanto na Europa como em Portugal.

**4. O que considera que uma rede de correspondentes mais alargada proporcionaria à SIC?**

Uma maior rede de correspondentes seria sinónimo de, obviamente, olhos em zonas importantes do mundo e, portanto, um melhor conhecimento, uma aproximação a todos estes temas que, atualmente, no mundo global, têm cada vez mais importância. Eu acho que Portugal é parte destes processos globais que estão a acontecer no mundo e, portanto, quanto mais pessoas estiverem a cobrir, melhor. Agora, cuidado que o mundo dos meios de comunicação também se está a alterar, ou seja, nem tudo se faz através de correspondentes, estamos numa Era de redes sociais, na qual qualquer pessoa pode servir de veículo para transmitir o que acontece numa determinada zona. O que não podemos duvidar é que o jornalismo – a televisão e a imprensa, vão ter que mudar, porque aquilo que nós precisamos de noticiar hoje em dia, não é tanto notícias. Porque as notícias estão na Internet, nas redes sociais... o que é preciso dar ao leitor é a avaliação das notícias, e isso, cada vez mais, eu acho que vai alterar o nosso trabalho no futuro, que vai passar por ser mais de análise e de comentário, e explicar o que são e o que significam.

**5. Na sua opinião, como poderia a SIC tirar um melhor proveito das agências noticiosas?**

Quanto ao proveito que a SIC tira das agências de notícias, eu não sei dizer exatamente qual é. Mas não há dúvida de que as agências são um meio extremamente importante, sobretudo em países nos quais não há correspondentes. Eu penso que elas são importantes, mas não são tudo. É fundamental haver pessoas que expliquem essas matérias que as agências enviam, que acabam por ser materiais de carácter mais informativo. A impressão que eu tenho, analisando os últimos 25 anos, é que a SIC fez, provavelmente, um dos melhores trabalhos que foram feitos em Portugal, comparando com outros meios. E eu não sigo exaustivamente os outros meios de comunicação social, mas a ideia que eu tenho é que a SIC tenta ter uma presença quando não é possível ter um correspondente, enviando enviados especiais. Por duas ou três vezes em que estava de visita pela SIC, presenciei alguns acontecimentos importantes, nomeadamente atentados na Europa e eu vi essa cobertura – extremamente profunda, interessante e variada. Considero que há uma nova geração que continua essa tradição da SIC, pois vi horas a fio de cobertura de temas de grande importância, como foi o caso do atentado em Paris, em 2015, que comparando com a cobertura de outros países internacionais com mais meios económicos, se destacou pela positiva.

**Anexo 11 – Entrevista com Cândida Pinto**

**1. Em que medida considera que o destaque dado pela SIC aos conflitos internacionais é suficiente?**

Quando há qualquer situação de conflito, a cobertura é muito vasta, durante dias inteiros e, até vezes, durante semanas...depois quebra. Em países como o Afeganistão ou o Paquistão, a informação é muito mais diminuta. Mas aqui há uma questão que é: o que é que se entende por conflito? O conflito é uma questão muito vasta, portanto quando são conflitos que têm uma maior proximidade com o país, a cobertura às vezes é até exagerada, mas enquanto que se forem conflitos que têm uma remota ligação com o país, a cobertura é completamente diminuta. Tem que ver com o grau de proximidade e tem que ver com certos centralismos na forma de

encarar a informação do ponto de vista ocidental, que é uma coisa que acontece com uma certa generalidade no mundo ocidental. Há exceções, claro, mas há um certo centralismo. Ou seja, nós olhamos para o mundo com a nossa moldura, com as nossas referências e, portanto, damos um peso ao que acontece fora do país, de acordo com aquilo que nos pode afetar, com as nossas referências. Nós temos grandes dificuldades em olhar para o mundo de uma forma mais distanciada. Nós neste momento estamos a dar importância ao que se passa na Coreia do Norte por causa de Donald Trump, não é por causa da Coreia do Norte. Não vi ainda ninguém preocupado com o que é que pode acontecer às pessoas que vivem na Coreia do Norte. E, portanto, isto é o centralismo, tem que ver com o facto de nós olharmos para o mundo e para tudo de uma forma completamente ocidentalizada. A nossa moldura é esta, nós estamos situados geograficamente nesta zona do mundo e colocamos muito esta moldura. Esta moldura ocidental que encaixamos e quando consideramos que nos pode atingir, agitamo-nos muito mais e damos muito mais importância quando as questões culturais, comportamentais, geográficas e religiosas são muito diferentes não damos grande importância. O caso da Coreia do Norte é o caso mais exemplar, nós estamos neste momento a dar imensa importância ao caso pelas declarações do Donald Trump. Pode perguntar a qualquer pessoa quantos habitantes tem a Coreia do Norte, como é que vivem as pessoas da Coreia do Norte, a Coreia do Norte produz algo? Conhece alguém na Coreia do Norte sem ser o líder? Há muitas pessoas que lutam contra isto, eu também luto contra isto, mas não é fácil. Tem que ver também com o grau de literacia, com o grau de formação do próprio país... Se perguntar a alguém fora do jornalismo se lhe interessa mais algo relacionado com a Coreia do Norte ou sobre Berlim, a resposta é óbvia, a não ser que haja uma ligação qualquer especial. Nós tendemos a querer saber aquilo que nos está mais próximo porque é aquilo que nós percebemos melhor. Muitas vezes, nas culturas que nós não percebemos, há uma enorme dificuldade em entender as coisas que se passam quando os comportamentos são diferentes, quando é tudo diferente... isso é humano, é como uma língua! Obviamente que se for algo que se passe num país com uma cultura que nós dominamos, é para nós muito mais fácil. E depois também há a questão da opinião pública, porque isto está ligado com as audiências... porque nós vemos, por exemplo, em países como a

França ou o Reino Unido, são países que têm uma formação muito mais ampla e há muitos temas que nós cá dificilmente trataríamos e que são tratados ao detalhe nestes países porque há uma opinião pública que se interessa por isso. Até porque uma coisa está ligada à outra.

## **2. O que considera ser uma notícia internacional com impacto?**

Uma notícia que tem impacto é uma notícia que vai mudar algo na vida de um número grande de pessoas. Ou seja, uma mudança de regime é algo que tem impacto, um atentado terrorista é algo que tem impacto, embora o atentado terrorista seja uma situação completamente diferente e isso deve ser tido em conta. imaginemos o que se passou no Iraque em 2004, o que se passou na Líbia em 2011... são situações que têm impacto internacional, que muda o custo da história. E, portanto, essas situações são situações que têm impacto. Não só localmente, mas regionalmente e de uma forma mundial, do meu ponto de vista. Por exemplo, a invasão do Iraque em 2003 ou o que se está a passar agora na Venezuela, são situações de conflito que têm um enorme impacto dentro do próprio país, mas também porque afetam mercados, são países produtores de petróleo que interferem no preço do petróleo a nível internacional e, portanto, o impacto chega-nos a nós.

## **3. Porque considera importante uma cobertura internacional mais abrangente?**

Claro que considero, e eu acho que em Portugal há muito pouco espaço, quer nos meios audiovisuais, quer na imprensa escrita ao internacional. Ou seja, tirando esses momentos como eu referi inicialmente – em que se dá uma cobertura enorme a um momento e depois esquece-se. Portanto, tirando esses momentos em que a cobertura é enorme, no dia-a-dia explora-se pouco o resto do mundo, e o que me diz a minha experiência, e que tem que ver com a cobertura de conflitos internacionais é que não há uma rejeição da opinião pública a este tipo de informação, desde que seja bem explicada e desde que se tenha em conta para quem é que se está a falar, isso é muito importante. E eu acho que é possível criar empatia entre uma população que pode não se interessar muito à partida por estes temas e sociedades que são completamente diferentes da nossa, e isso é possível, eu tenho essa experiência e a maior parte do feedback dos trabalhos que eu tenho

feito em sociedades muito diferentes da nossa, tem que ver com isso, tem que ver com tentar dar às pessoas pequenos elementos para que elas possam interpretar o que se passa nessas sociedades. Portanto, abrir o conhecimento das pessoas, nós hoje vivemos numa sociedade completamente global, em que é muito fácil viajar e há muitas pessoas que viajam pelas mais diversas razões, e que frequentam sociedades completamente distintas. Ora, isso introduz na nossa sociedade curiosidade por essas sociedades, e portanto, é perfeitamente preferível abrir o leque de informação que há sobre o panorama de internacional, mas tem de existir cuidado em dar às pessoas elementos para que elas consigam interpretar, decodificar e perceber o que se passa em sociedades com características muito diferentes da nossa. Eu acho que o problema principal é esse, nós muitas vezes, e nós media andamos muito em círculo vicioso e damos muito as mesmas coisas que achamos que as pessoas querem as mesmas coisas. Por um lado, devemos acompanhar situações semelhantes e que nos são próximas, também nos compete dar outro tipo de informação e para acrescentar informação às pessoas. Eu acho isso perfeitamente possível e, aliás, é um problema de globalidade. Parte-se do princípio que as pessoas não estão interessadas, mas, para mim, faz pouco sentido.

**4. O que considera que uma rede de correspondentes mais alargada proporcionaria à SIC?**

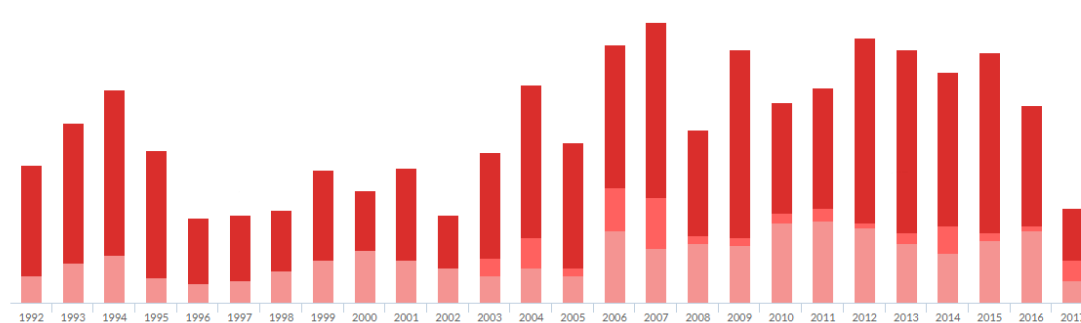
Obviamente que uma rede de correspondentes mais alargada tem uma vantagem extraordinária para qualquer órgão de informação, porque um correspondente é uma antena que está no local, é alguém que está atento, é alguém que pode acompanhar uma determinada cidade ou determinado local e que está numa situação privilegiada para alertar também a redação central sobre a importância dos factos que se desenvolvem à sua volta. Por exemplo, a correspondente que a SIC tem no Brasil, a Ivani Flora, tem sido de uma importância primordial em toda a crise que o Brasil está a atravessar, porque, para além de nós contarmos com ela sempre que existe alguma coisa, ela também nos alerta para aquilo que está previsto acontecer. Para além disso, por exemplo, o Henrique Cymerman, em que as reportagens dele, teoricamente, o Médio Oriente é uma situação complexa, mas as pessoas seguem o trabalho dele. E eu acho que ele é muito o exemplo de esta coisa que dizemos que há situações que não interessam, cai por terra quando as pessoas

estão nos sítios, quando as pessoas explicam as coisas e quando criam uma certa empatia com o público a que se destinam. Portanto, uma rede de correspondentes tem uma enorme vantagem, por exemplo Angola, o país onde é difícil um jornalista ir, se existisse lá um correspondente, obviamente que teria enormes vantagens, Venezuela, um país onde é difícil ter jornalistas, e se tivéssemos lá um correspondente acrescentava, claro. Tirando aquelas situações onde, de repente acontece qualquer coisa, e até lá chegarmos demora tempo. Ora, se existir lá um correspondente, ele dá-nos a informação imediata. Portanto, é uma mais valia, mas eu acho que uma boa rede de correspondentes é sempre uma mais-valia para um meio de comunicação porque, em termos de tempo imediato, é instantâneo, e está lá, portanto, transmite imediatamente a informação, sabe que tem dados para interpretar, por vezes melhor do que quem chega, porque tem acompanhado a situação, portanto, tem pontos de se colocar de uma forma mais diversificada, porque faz parte do trabalho do jornalista conseguir fontes do sítio onde está, portanto, essa é uma mais valia. Tem todas as condições para propiciar uma informação mais detalhada e mais completa sobre o sítio onde está.

**5. Na sua opinião, como poderia a SIC tirar um melhor proveito das agências noticiosas?**

A SIC poderia tirar um melhor proveito explorando mais a informação que chega, e isso às vezes é possível, outras vezes não é possível, e tem que ver, muitas vezes, com os constrangimentos de quantidade de pessoas na redação, com as prioridades estabelecidas, com a escala hierárquica de prioridades, ou seja, entre a política, o desporto, a sociedade, o internacional... a redação tem que responder a todas as áreas e o internacional nem sempre, obviamente, está na área que requer e que consome mais recursos. Ou seja, quando há grandes acontecimentos internacionais, conflitos, ataques terroristas...a resposta é bastante vasta, creio eu, e é mais do que suficiente, quando isso não acontece, a carga de informação internacional é diminuta e tem que ver com estas duas razões: por um lado com os recursos humanos existentes, por outro lado com as escalas de prioridades estabelecidas com a direção.

## **Anexo 12 – Número de jornalistas mortos em 2017**



**Fonte:** *Comité de Proteção aos Jornalistas* (<https://cpj.org/killed/2017/>)